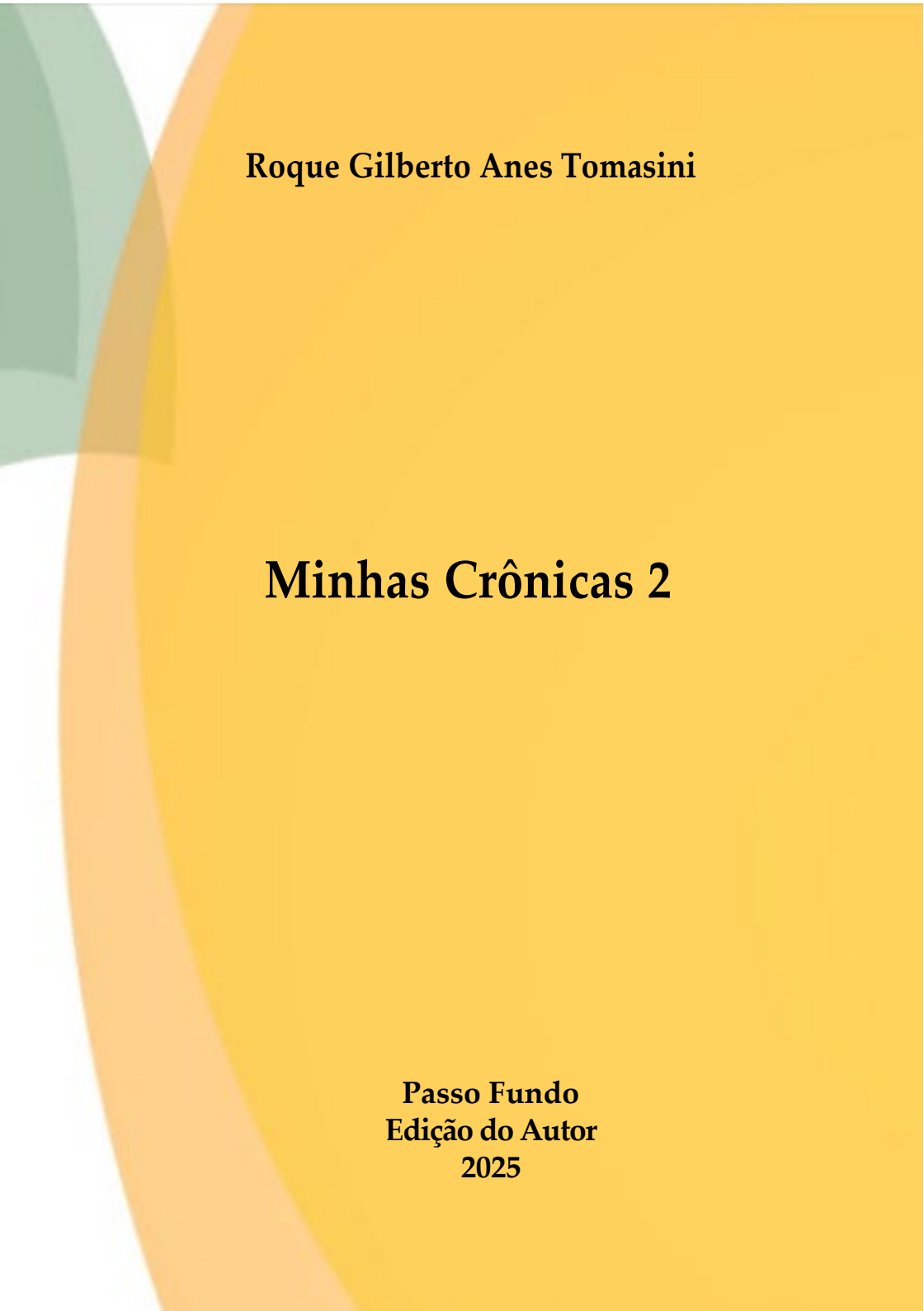




Roque Gilberto Anes Tomasini

Minhas Crônicas 2

**Passo Fundo
Edição do Autor
2025**



Roque G. Annes Tomasini,
nascido em 13/04/1944 em
Carazinho/RS.

Aos cinco anos foi para Porto Alegre, onde realizou seus estudos, iniciando no Grupo Escolar Voluntários da Pátria, passando para o Ginásio Nossa

Senhora dos Navegantes, em regime de semi-internato. Posteriormente, passou para o Colégio São Pedro. Foi um período em que a boa educação de entidades religiosas deixou marcas na sua formação educacional. A fase seguinte foi no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde sob a tutela de excelentes professores, construiu as bases finais para ingressar na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UFRGS, curso concluído em 1968. A seguir, ingressou no curso de mestrado em Economia Rural do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas IEPE da Faculdade de Agronomia da UFRGS. A vida profissional teve início, em 1971, em Brasília, no Escritório de Análises Econômicas e Políticas Agrícolas, que atuava na assessoria do Ministro da Agricultura, até 05/1975. Em 1975 iniciou suas atividades como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo CNPT da EMBRAPA, na área de economia, até sua aposentadoria em 2002. Desempenhou atividades de ensino superior na UNB de 1973 a 75 e na UPF de 1977 a 2014, quando foi jubulado aos 70 anos.

Há 20 anos se dedica a atividades de turismo rural e preservação ambiental, no Refúgio Ecológico Colônia Paraíso, em Vila Maria/RS.

Em 2014 deu início as atividades de escritor, fora da área técnica de pesquisa na área agrícola, com o livro "UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADOS PELOS EMIGRANTES DA ITÁLIA NO SUL DO BRASIL

Roque Gilberto Anes Tomasini

Minhas Crônicas 2

Passo Fundo

Edição do Autor

2025

Disponível no formato eletrônico em PDF

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio pode ser utilizado, nos termos da licença

[Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tomasini, Roque Gilberto Anes
Minhas crônicas 2 / Roque Gilberto Anes Tomasini.
-- 1. ed. -- Passo Fundo, RS : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-43787-3

1. Crônicas brasileiras I. Título.

25-267471

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Bibliotecária responsável

Sumário

Introdução	9
A taça de champagne	10
Tesouro da Juventude	11
Lindas plantas invasoras na beira da estrada	13
Capim Annoni	14
Vento solar	16
Cogumelos na salada	18
Meu francês	19
Cuba e as raízes de planta	20
O caso do feio	22
Eu só ligo para o meu marido	23
Vida e Natal	24
Ambição	26
O que fazer na aposentadoria?	28
Preço do queijo e a comunicação	29
Vaca na saída da igreja.	30
O desespero da Covid	32
Viagens pelo México	34
O caso do chicote	34
O hamburger na praça publica.....	35
O rádio falante em espanhol e inglês.....	36
A morte sustentando a vida	37
Covid no navio.....	39
Evolução no transporte rodoviário	40

O elevador do Hospital São Vicente.....	41
O banho há 65 anos -bacião.....	42
Aula de economia numa propriedade de Vila Maria --RS.....	43
O que é um catre?.....	44
Catre 1.....	44
Catre 2.....	46
A vida é uma escadaria	47
O “papel higiênico” na colônia antiga.....	48
A degola	50
Limpadores das cidades.....	52
Eu gostaria.....	54
Chile: passar frio não tendo dinheiro num povoado a beira mar	55
Folha do Meio Ambiente.....	59
Cachorro guaieca	60
Voo no avião Electra da Varig.....	62
Vacina da esperança e a realidade da fome-2022	64
Porque as vacinas contra o Covid-19 estão chegando tão rápido	65
Propriedade do pai do Eng. Agr. Dirceu Gassen.....	70
Não tem para onde escapar.	75
Terra de Canal San Bovo, Itália, para os netos	79
O chefe é exigente.....	81
Minhas saídas com meu amigo australiano.....	83
Restaurante do Hotel Copacabana.....	84
Viagem a Ponta Porã	86
Almoço as 17h, no Paraná.....	87

Se carregarem pro cerrado, não me responsabilizo.....	89
A morte avisa	90
Voo da VASP	90
O computador da CTI te mostra que a morte está chegando.....	92
Meu carro ideal	93
A venda da Jurássica	94
A venda da Belina 1971.....	95
LIBERDADE	96
Alfabetização de Adamo Tomasini e familiares.....	97
Reflexões sobre felicidade.....	99
Urubu Chico	100
O churrasco, o padre e o “corte especial”	101
Viagem de navio.....	104
Mortos de fome e a carne insonsa.....	106
Janta com o Capitão	107
A mulher gorda e o vaso sanitário na mesquita.....	109
Viagem no Canal da Mancha e a champagne	110
Lizete feliz.....	111
O medo de parentes por causa de provável herança	112
Tentando falar com o padre em quatro línguas	115
A “feira livre” de Veneza	116
Degustação de vinho em Bordeaux-França.....	117
Peças expostas no Palácio Ducal na Praça Veneza	118
Sempre que possível	120
Mulher comprando carro novo?	123

Mulheres e seus sapatos.....	124
O Retorno às origens.....	125
Te chamaram da sala do General	127
Reporter mentiroso.....	129
Mulher apavorada na estrada	131
De Mostardas pela areia até a praia de Cassino	133
De Rio Grande ao forte de Santa Teresa-Uruguaí	135
Neusa e o Café Aquarius em Pelotas	137
Jantar no Clube Comercial	138
Fazenda no Mato Grosso.....	140
Voo de planador.	141
Livro República dos Coqueiros	143
Mata de uma vez.....	145
O cemitério é seguro.....	147
Conto de amor	149
O baile lá para os lados de Putinga-RS	151
Viagem a Manaus.....	153
De Não Me Toque para a Agencia Ford de Passo Fundo.....	156
Viagem pela Argentina	157
Ambulância da Expodireto: de Não Me Toque à Passo Fundo-RS	159
O que é um “agricultor”?	161
Solo e vida	163
Conversas de dentista	165
Discurso de jubilação da UPF-23/11/2.015.....	168
13- A vida segue	170

Altar da Pátria- Vitorio Emanuel II	172
Argentina. Ilha com sequoias	174
Marco e as latinhas	176
Praça em Veneza e as cadeiras.....	177
Triste fim da ponte construída pelo avo João Tomasini	178
Pois eu sou	180
As perdizes	181
Mercado Witmarsum- PR, meu infarto.....	182
A compra e venda de abacate na casa da vó Izolina	187
ATÉ NA HORA DA MORTE FEZ QUESTÃO DE NÃO INCOMODAR NINGUÉM..	189
Balde d'água para apagar fogo em fios de energia elétrica	190
O restaurante João e o carro do seu Luiz	193
As viagens com o DC-3	194
As gurias da VARIG	196
A geladeira	198
Wilson Annes, meu professor de cortar lenha.....	199
Caçada de passarinhos.....	201
A mandioca frita e feijão na velha panela e boa banha de porco.....	202
O Correio do Povo	204
Pão, nata e sal grosso	205
A chaleira e o “nego” Antônio.....	206
Briga na festa.....	207
As moedas e o canarinho belga	208
Ginásio São Pedro e o Julinho	209
Foguete de bambu	211

Irresponsabilidade pura	212
Aulas em Ilópolis	214
Ilópolis-antiga tubulação de água da represa para o “castelo” e turbinas. ..	215
Amigos na Faculdade	216
Formatura da turma de engenheiros agrônomos de 1968.....	217
Construção da casa	219
Nasci de novo ou deixei de morrer, tanto faz	223
A casa da praia	225
O político Roque Tomasini.....	228
O tropeiro Torquatto Lancelotte e sua bombacha	230
Nasce um escritor	233
Eu escalei a Torre Eiffel.....	235
A benção vô.....	237
Educação e brizoletas.....	239

Introdução

Estas crônicas não seguem uma ordem cronológica.

Também não seguem uma ordem por assunto. Foram sendo introduzidas à medida em que as buscas por artigos já escritos, em qualquer data, pudessem ser incluídas neste trabalho.

E, importante, grande parte foram escritas a partir de fatos guardados na memória do autor.

Escreve-las em ordem cronológica tornaria o trabalho, cansativo. Na forma em que está, o leitor pode ser surpreendido sempre com um artigo diferente.

A taça de champagne



Num congresso na cidade de Valdivia, Chile, o hotel ficava separado do local do congresso por um rio. O mais fácil para lá chegar, era atravessar com um pequeno barco com motor de popa. Rápido e barato.

Andando pela cidade comprei uma garrafa de champagne chilena. Levei-a ao hotel e disse para o recepcionista que voltaria as 22,00 horas e que ele a colocasse na geladeira. Era minha última noite na cidade e queria toma-la.

Voltando à noite, pedi a bebida e ele me disse que já estava no quarto.

Abri a porta e, numa linda bandeja estavam dois copos cobertos por um belo guardanapo vermelho.

Profissional é profissional. Deve ter pensado: quem vai querer beber sozinho, as 22,00 h, uma garrafa de champagne? Levou duas taças.

Bem, vamos beber.

Surpresa, a bebida não tinha gás.

Não era a minha noite.

Tesouro da Juventude



A coleção de livros Tesouro da Juventude, tem 18 volumes e foi publicada em 1958.

Na época era um marco de conhecimento que abrangia uma grande variedade de informações, em cada um dos 18 volumes, como:

O livro da terra;

O livro da natureza;

O livro da nossa vida;

O livro do novo mundo;

Coisas que devemos saber;

O livro dos “porquês”;

Homens e mulheres célebres; O livro dos contos;

Coisas que podemos fazer;

O livro das bellas acções;

O livro da poesia;

O livro do velho mundo;

Os livros famosos;

O livro das lições atraentes; Estampas coloridas.

Imaginem o conhecimento que era transmitido há 66 anos. Quando o acesso a livros era difícil e caro. Os pais compravam para seus filhos e colocavam a coleção em um lugar de destaque na sala.

Ainda hoje, muitas das informações são desconhecidas pelas pessoas de baixa escolaridade. E até por média escolaridade.

Voltemos a 2024.

Vivemos na época do celular, sofisticados ou não, mais caros que um computador.

Na prática o celular transformou o mundo em algo plano. Quase tudo que queremos, esteja onde estiver, está disponível instantaneamente.

Adeus “Tesouro da Juventude”. Você ficou no passado ou em alguma prateleira dos “sebos” de livros usados.

Bem, na sua época cumpriu seu papel de transmitir informações.

Lindas plantas invasoras na beira da estrada



Papoulas

Viajar é conhecer coisas novas. Fotos e mais fotos.

E quando se vê lindas flores na beira da estrada? Como estas nas margens de uma estrada da Espanha. Se der para parar, dá tentação de tentar pegar alguma semente e trazer para sua cidade. Você sabe que é proibido, mas a tentação é grande. E, se trouxer, não caia na tentação de semear numa praça ou beira de estrada.

Trazer sementes no bolso, e semear, é a maior causa da introdução de pragas no Brasil.

Capim Annoni



Casa do tio Heitor (antiga casa da família Annes) e a infestação do capim Annoni

A turma da Faculdade de Agronomia da UFRGS, talvez em 1967, foi visitar uma grande fazenda, denominada Fazenda Annoni. Acontece que o proprietário tinha andado pela África e trouxe, de algum país, uma semente que julgou maravilhosa, obviamente contrabandeada.

Plantou e multiplicou a semente para venda. Eram sacos e sacos de semente. Eu devo ter pego algumas gramas, e colocado no bolso.

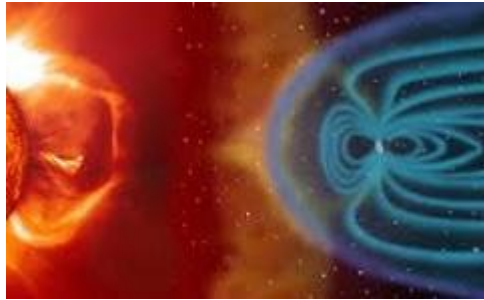
Durante minhas férias em Passo Fundo, distrito de Pulador, eu mesmo semeei no campo nativo e fiz propaganda para meu padrinho Heitor, que era o dono da propriedade.

Ano seguinte, fui verificar e haviam nascido vários pés. E cada vez se multiplicavam mais, pois a espécie é muito agressiva e o gado só a come

muito nova, pois amadurece e fica muito dura e o gado não a come. E vai se multiplicando e vira uma praga. Invadiu as cidades.

Vários colegas da faculdade fizeram o mesmo e o resultado foi semelhante.

Vento solar

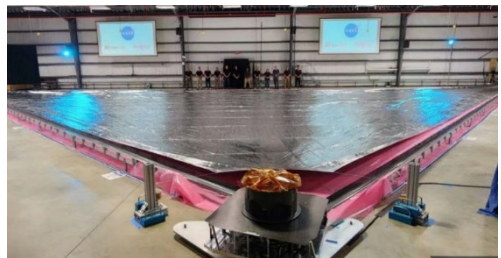


Erupção solar

Li num livro, há muitos anos, que várias nações da terra estavam realizando uma corrida no espaço sideral. Era uma corrida de naves espaciais. No auge da disputa, a corrida teve que ser encerrada e as naves retornaram ao planeta Terra, devido a uma gigantesca erupção solar.

A teoria contada num livro antigo, está virando realidade em 2024.

Conhecida como Sistema de Vela Solar de Compósito Avançado, a nave será lançada pela empresa Rocket Lab, do Complexo de Lançamento 1, na Península de Mahia, na Nova Zelândia. As velas solares usam



Protótipo de vela solar

a pressão da luz solar para propulsão, eliminando sistemas de propulsão mais pesados e com alcance limitado. (Por O Globo — Rio de Janeiro 23/04/2024)

O vento solar é um fluxo contínuo de partículas constituído, principalmente, de prótons e elétrons, que escapam da atração gravitacional do Sol. Essas partículas são energizadas por altas temperaturas na coroa, e deixam o sol em velocidades que variam de 300 a 800 km/s.

Quando usada em um sistema solar no qual a radiação solar é abundante, uma vela solar pode continuar absorvendo esse impulso para acelerar enquanto a luz for refletida nela. Isto significa que naves movidas por velas solares podem atingir velocidades muito altas, muito mais rápidas do que um foguete com combustível líquido.

Se tudo der certo, os atuais foguetes estão a caminho da aposentadoria e novas possibilidades de viagens no espaço sideral se tornarão realidade.

Ciência mais ciência é igual a ciência além da imaginação.



A ciência ficção nos permite viajar pelo tempo e imaginar coisas que hoje são inimagináveis. Na série iniciada em 1971, na coleção de livros de Perry Rodan este nos leva a viagens interplanetárias, em naves com

tecnologia que permitiam viajar no tempo, em várias dimensões, em universos paralelos. Numa destas viagens estavam a 540 milhões de anos luz numa bolha paratron. (um tipo de dimensão).

Cogumelos na salada



Íamos nos hospedar numa pequena cidade nas redondezas de Paris, mas não havia vagas porque naquela data, pois haveria uma apresentação internacional de orquestras sinfônica.

Perto de Paris, há uma estação experimental agrícola. Então nos hospedamos perto desta estação e fomos visita-la. Detalhe, tudo é plano e só se locomovia de bicicleta. No almoço tinha uma deliciosa maionese e umas coisas pretas, que pensei que fossem azeitonas.

Gaúcho de Passo Fundo, acostumado a comer radiche, perguntei o que era e a resposta foi mini cogumelos, de produção local. Nunca mais vi. Eram deliciosos

Meu francês



Um grupo estava na Espanha a convite do governo alemão. Findo o congresso, sobre tremço (Lupinus) fomos a Paris, antes de ir à Alemanha.

Perto de Paris, fomos visitar uma cooperativa agrícola. Tudo bem. E quem vai falar com o presidente da cooperativa. Sobrou para mim. Explicar quem éramos e o que estávamos fazendo. Sabe quando você não fala uma língua, mas lá no fundo do seu cérebro estão escondidos os conhecimentos rudimentares de 20 anos, no caso do meu francês do nível ginásial. Depois de quase uma hora de “conversação”, terminamos e já com a cabeça explodindo, eu disse:

“C’est fini.”

Foi uma gargalhada geral

Cuba e as raízes de planta



Estava em Costa Rica num congresso sobre meio ambiente e decidi seguir mais adiante antes de voltar para o Brasil. Descobri que, na época, a passagem para Havana, custava só U\$43,00.

Problema, onde ficar? Consegui, um apartamento para alugar por 4 dias, por U\$30,00 por dia. O apto. era de uma advogada que ganhava do governo U\$23,00 por mês.

Embora soubesse que não podia, levei, da Costa Rica, 3 tubérculos de uma bela planta. Um no bolso, outro na mochila e outro na mala.

Perguntado se levava plantas, ao pedirem o passaporte, disse que levava uma no bolso, depois uma mulher, oficial fardada com uma enorme pistola, me fez a mesma pergunta e lhe disse que tinha uma na mala e mais tarde outra policial me perguntou o que ia fazer em Cuba. Dei uma resposta de louco e disse que nem sabia o que ia fazer, mas que queria lhe entregar um tubérculo. Obviamente, me confiscou.

Disse-lhe que não o colocasse fora e que, se possível, me entregasse na saída de Cuba. Que eu era agrônomo. Na saída falei com esta policial, perguntando sobre os tubérculos, e ela me trouxe, enroladas em papel úmido os três tubérculos. Agradei imensamente e ela me disse que eu tinha sido muito gentil, mas na verdade eu deveria ter sido preso e pago uma multa de U\$ 1.000,00.

Convidei-a a vir na minha casa, se algum dia viesse ao Brasil, mesmo sabendo que nunca viria.

Não custa nada ser gentil.

Plantei na minha casa e por uma questão de clima, nunca floresceu.

O caso do feio



Um dia apareceu em frente à minha casa um cachorro guaieca, virado em sarna. Minha primeira reação foi mandar o cachorro para longe. Depois, pensei que, se ia morrer de sarna, que morresse de barriga cheia. Comecei a alimenta-lo. Daí mesmo que não saiu da frente de casa e vi que era um bom animal.

Resolvi curar a sarna e depois de algum tempo, esta sumiu e resolvi adota-lo e dei-lhe o nome de Feio, lembrando como era quando o conheci. O Feio virou o meu melhor amigo. Sabia a hora em que eu chegava e ia, faceiro, me esperar.

Nos fundos tinha um casal de cachorros pequenos, há muitos anos. O Feio não tinha acesso aos fundos da casa.

Acontece que a cachorra entrou no cio e ele deu um jeito de entrar para dar uma namorada.

Pra que?

O casal de namorados, atacou-o e o matou.

Conclusão, o Feio morreu por amor não realizado.

Eu só ligo para o meu marido



Trabalhava numa empresa, em que, antes da introdução do computador, haviam várias secretárias para datilografar os trabalhos dos pesquisadores.

Numa tarde, no horário do cafezinho, estavam reunidas umas 8 secretárias e eu lhes disse que um dos meus sonhos, era roubar a bolsa de cada uma delas e esparramar, em cima de um lençol branco, para examinar, por curiosidade, o conteúdo.

Fui mais além, como o celular estava começando, adoraria ouvir as conversas de cada uma.

Terminei de falar e uma disse, rapidamente, “eu só falo com o meu marido”. Gargalhada geral. Uma afirmou. E quem te perguntou? Consciência pesada?

Vida e Natal

Academia Passo Fundense de Letras



Não importa sua idade. Viva sua vida intensamente. Aproveite cada dia. Como se fosse o último.

Refleta: quanto tempo efetivamente você dedicou para viver a vida? Intensamente e conscientemente? Pode ter sido na infância, na adolescência, antes de encontrar sua companheira, após encontrá-la, na maturidade da vida conjugal, com os filhos já adultos, ou com seus netos.

Não importa a fase. O importante é aproveitá-la, ou melhor, ainda, aproveitar todas as fases.

Vida e felicidade. Felicidade e vida.

Dinheiro traz felicidade? Pode ser, mas nem sempre. Os ricos infelizes são numerosos e enchem os consultórios de psicólogos e médicos psiquiatras. Mas como diz a voz do povo: pode ser que não traga felicidade, mas que ajuda, ajuda.

O que representa o Natal para você? Festa, reunião de família? Mais um ano que passou, sem ter deixado lembranças? Um dia como os outros, sem significado especial? Não importa se reapresenta algum destes exemplos. O que importa é a mensagem de Natal.

Natal é vida, é o nascimento de Cristo, de uma pessoa que quer amar o próximo e ser amado pelo próximo. Quer paz e amor.

Vida, paz e amor. Esta é a mensagem que quero lhes transmitir para este Natal. E para todos os dias do ano. Porque quero que todos os dias sejam um Natal, nos quais a vida se renova com o nascimento de Cristo. Natal de 2.023. Com paz, amor, felicidade e muita vida.

Falo em Cristo, mas cada um tem o seu “Cristo”, seja de que religião for e na data a ela correspondente. Viva o seu “Natal”.

Ambição



No passado a vida era mais simples, para os hoje, denominados bárbaros. Nascer, sobreviver até a fase adulta, reproduzir, tornar-se um bom guerreiro e se por acaso morresse numa batalha, certamente esperar que os deuses o recebessem com glórias numa outra vida.

As mulheres não tinham ou sequer poderiam esperar por um futuro tão glorioso.

Passado é passado, e agora?

Foram-se os dias de glória das grandes batalhas de conquistas territoriais. As mulheres assumiram novas posturas na sociedade, conquistando sua independência social e financeira. Ao menos parte da humanidade desfruta de um repouso no final de sua vida.

O processo de olhar para o horizonte, ir até lá, batalhar para conquistar as novas fronteiras, olhar novamente o novo horizonte e lutar novamente para conquista-lo, terminou.

Hoje a espécie humana está civilizada. Nada de hordas selvagens bradando gritos de guerra. Evoluímos. Evoluímos?

No passado o futuro era simples: morrer lutando, de doença e/ou fome. Nos dias atuais, continuamos morrendo de doenças, a fome não foi eliminada e mesmo para muitos dos que tem a sorte de estar protegidos

financeiramente por algum tipo de cobertura financeira na aposentadoria, a vida não lhes reserva muitas glórias.

Aparentemente o ser humano está perdendo uma das motivações para viver: a ambição.

Ambição, é uma palavra chave na sobrevivência do ser humano. Se perdermos a ambição, morreremos como seres construtivos.

Perdemos a juventude. Ficamos velhos. Mas o que é ser velho? Ter mais de 50, 60 70, 90 anos?

Velhice tem idade? Não. Há velhos com 20 anos. Biologicamente jovens e sem nenhuma ambição na vida. Mortos prematuros.

A sociedade moderna progrediu em vários campos do conhecimento humano. Na área da saúde o resultado é um maior número de anos de vida. Bom? Certamente. Mas bom para que? Simplesmente para viver mais ou para fazer algo mais, após a aposentadoria?

O que é este algo a mais? Buscar mais dinheiro, posição social, trabalho comunitário, transformar tempo disponível em atividade de lazer? Não há receita única. Cada um tem a sua receita. Ou melhor, cada um deve ter a sua receita. O que não pode é ficar sem receita de vida pós aposentadoria. Melhor ainda: o ideal é ainda no período pré-aposentadoria cada um ir pensando na sua receita ideal de acordo com suas ambições de vida.

O que fazer na aposentadoria?



O que faz um homem sem nenhum projeto de atividade pós-aposentadoria? Fica em casa, na sua casa. Será que a casa é sua? Materialmente pode ser, mas o espaço é da sua esposa, que antes era a dona absoluta do “espaço” durante o período de trabalho do marido. E agora? Deixa-lo no sofá vendo televisão o dia inteiro, limpar o banheiro sujo ou manda-lo para a rua? Fazer alguma coisa? Difícil convivência com este “estranho” no ninho. Em algumas empresas já foi detectado um número elevado de separações após a aposentadoria do marido, que volta para a “sua” casa e invade o “espaço” da esposa. Ficar em casa, brigando com a mulher, vivendo de lembranças, sem ter o que fazer, se constitui num caminho para desequilíbrios emocionais e físicos. Resultado: falta de vontade de viver, doenças e morte em curto prazo.

Preço do queijo e a comunicação



Havia uma época em que era comum comprar excelentes queijos coloniais em casa de conhecidos na beira de estrada no interior de Vila Maria. Numa casa de amigos era feito só com leite de vacas Jersey, leite com mais gordura que as vacas holandesas. Muito disputado.

Nesta casa, parei e perguntei se tinha queijo e qual o preço. Resposta: quanto o senhor paga? Disse, não posso colocar preço no seu produto.

Resposta: espere um pouco. Depois de uns 5 minutos me deu o preço. Paguei, embora achando um pouco caro.

Sabe o que aconteceu? A senhora telefonou para a cooperativa agrícola em Vila Maria e perguntou o preço. Me vendeu ao preço da cooperativa, que pagava imposto e tinha uma boa margem de lucro.

Tudo graças à telefonia rural.

Marchei.

Vaca na saída da igreja.



Um cidadão tinha fama de, eventualmente, se apropriar de vacas de leite, obviamente para vender ilegalmente.

No interior, todos conhecem todos e a melhor polícia é a língua dos moradores. Os boatos ou as verdades se espalham, rapidamente nas reuniões das capelas ou nas pequenas festas da comunidade.

Porque alguém roubava alguma vaca? Por não ser produtor rural e /ou por não ter emprego?

Aos domingos, na igreja de Vila Maria, os moradores da Vila e/ou do interior compareciam por motivos religiosos e para que as famílias se reunissem para saber as novidades. Eventualmente, algum almoço ao meio dia.

Um agricultor estava caminhando pela estrada, quando viu um indivíduo puxando uma vaca com uma corda no pescoço. Surpresa, a vaca era sua e estava sendo roubada.

Não sei como, mas prenderam o ladrão e aí vem a parte tragicômica. Colocaram numa caminhonete aberta, ele amarrado e a vaca junta, na frente da igreja, na saída da missa.

Todos viram a cena. Não sei como terminou esta história. O certo é que hoje o ladrão seria solto e quem o prendeu seria preso.

Coisas de época.

O desespero da Covid

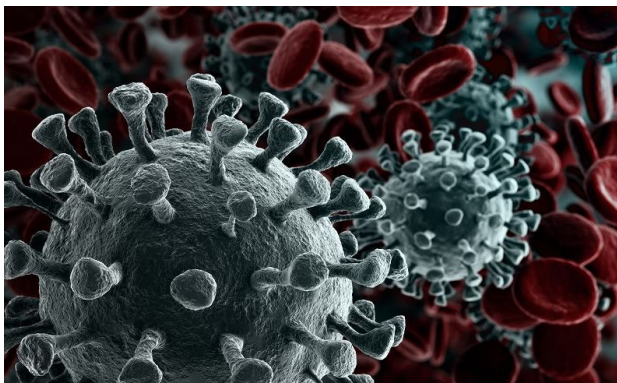


Imagem: creativenelo/Shutterstock.com (imagem meramente ilustrativa)

Toda doença é temida e acaba matando ou deixando marcas temporárias ou definitivas.

A tuberculose é silenciosa, acaba matando, embora tenha tratamento.

A vacina contra paralisia infantil, é gratuita, e muitas mães não a fazem em seus filhos.

E quando aparece uma doença nova, totalmente desconhecida e que mata, mesmo os mais fortes?

Quem não conheceu alguém contaminado pela Covid e que morreu em menos de uma semana? Pessoas saudáveis e em viagem de férias. Houve casais, em que um morreu num dia e o outro no dia seguinte.

No início era comum doentes virem para o hospital São Vicente de Paulo, e morrerem em seguida ou, ficarem entubados, com sequelas para o resto da vida.

O medo do desconhecido leva as pessoas ao desespero.

Lembro-me de ter passado em frente ao hospital e ver pessoas na calçada e até no meio da rua, ajoelhadas, rezando e chorando por familiar internado.

Ser internado com Covid era sinônimo de muito possivelmente morrer.

Mesmo para a área médica, a Covid era pouco conhecida e os tratamentos eram pouco conhecidos.

Hoje a Covid continua matando, principalmente pessoas com problemas de saúde. Mas a ciência e os conhecimentos adquiridos, já não levam ao desespero inicial.

Viagens pelo México

O caso do chicote



Trabalhava na EMBRAPA e fiquei morando por um mês no alojamento do CIMMYT Trigo, no México, a alguns quilômetros da capital.

Neste local também haviam experimentos de milho e eu ouvia um barulho estranho e não sabia o que era. Perguntei e me disseram que era um funcionário que percorria os experimentos e, com um chicote, fazia barulho para espantar os pássaros.

Bela solução. Dava emprego para uma pessoa e não era necessário gastar comprando foguetes. Caros e poluidores.

O hamburger na praça publica



Se você está num país com comidas e hábito de vida diferentes, você espera comer o que a população come, para “descobrir” o país. Estava na praça principal da capital do México e havia uma espécie de carrocinha de cachorro quente. Me aproximei e vi que era uma espécie de hamburger.

Ele tinha um cilindro de carne moída, cortava um pedaço e colocava numa chapa para dar um cozimento. Pedi um. Colocou o meu pedaço numa chapa quente, deu umas duas viradas e perguntou? “Listo”. Disse não, “me gusta, mas planchado”. Deu mais umas viradas e perguntou novamente: “listo”. Disse não, um pouco mais.

Perguntou novamente e daí disse “si”.

Respondi para mim. Ele já deve ter matado uns 80% das bactérias. Os outros “20 %” mato eu no estomago. Estava uma delícia.

Para beber, uma água mineral que estava numa grande bacia de metal, no chão, com gelo.

O rádio falante em espanhol e inglês



Na capital do México, praticamente ao lado da magnífica catedral e ao lado do Palácio do governo, nas ruas Brasil com Paraguai, haviam vários quarteirões com artefatos, a maioria contrabandeados, do mundo inteiro. Também uma imensidão de roupas. Típicas mexicanas ou não.

Curioso e deslumbrado com a imensidão do local, deparei com um rádio, a pilhas, que podia ser programado para “falar” em espanhol e em inglês. E maravilha, também era um despertador, que podia ser programado para te acordar falando em espanhol ou imitando um galo. Comprei e na hora do almoço apostei com um colega que, ao meio dia, o relógio iria dizer a hora. Ele não acreditou e apostou. Ao meio dia o relógio anunciou a hora e ganhei a aposta.

O rádio existe até hoje, 2.024, e ainda funciona, após 30 anos.

A morte sustentando a vida



Em um museu mexicano há uma pintura que creio ser do famoso artista mexicano Diego Rivera, em que ele dá a ideia de uma família colhendo espigas de milho, e que as raízes deste pé de milho estão se alimentando dos nutrientes de um cadáver, sepultado logo abaixo do solo.

Logo abaixo deste cadáver há outro, já decomposto. Creio que a mensagem do pintor deve ter sido, “a morte sustentando a vida”.

O milho dá a vida aos mexicanos e os mortos, na pintura, dão vida aos vivos.

No Brasil, em Porto Alegre, há uma igreja positivista, com uma frase no pórtico de entrada.



Covid no navio



Quando a Covid recém estava começando, eu e a namorada resolvemos fazer uma pequena viagem de navio com 8 dias de duração. Saia de Itajaí, e ia direto até Buenos Aires, onde fazia uma parada de 8 horas para o pessoal fazer passeios em ônibus contratados pelo navio. Com uma observação: o ônibus na hora determinada para retorno ao navio estará esperando e, se você atrasar, o ônibus sai e quem perde-lo, tem duas alternativas: pega um taxi ou perde o navio que segue viagem. Com toda a sua bagagem.

Outra parada em Montevideo e, após, regresso para Itajaí. Lá chegando, desembarcamos e logo após chegou um outro navio, que saiu quase que ao mesmo tempo que o nosso em Montevideo rumo a Itajaí.

No outro navio foi constado que alguém estava com Covid e ninguém podia sair. Covid em navio se espalha rápido. O navio ficou parado, com todos presos em seus quartos, por várias semanas.

Quem tinha quarto ainda podia olhar algo para o mar ou o porto. Quem tinha quarto interno, não podia sair para nada e as refeições eram deixadas na porta e a louça recolhida na porta. Imagine uma família com duas crianças, fechadas por semanas. Horror.

Evolução no transporte rodoviário

Não sei a idade da foto, mas o personagem da esquerda parece ser o meu padrinho, Heitor da Motta Annes.

As estradas da época (talvez 1940) com o “moderno” ônibus, bem ventilado, com muita poeira, a viagem deveria durar umas 10 horas.

Deveria utilizar estradas via Guaporé, estrada sem asfalto, que na época praticamente não existia de Porto Alegre direto à Passo Fundo

Os atuais e modernos ônibus em nada se assemelham aos pioneiros.

Dá pra sentir a diferença?

1940



2023

O elevador do Hospital São Vicente



Meu irmão estava internado no HSVP e acabou falecendo. Após os procedimentos de documentação legal, fomos encaminhá-lo para uma funerária.

Vem a maca e o corpo é nela depositado e coberto com um lençol.

Eu e a Lizete entramos com a maca no elevador e, ao descermos, paramos em algum andar e entrou um cidadão, pessoa simples, que deveria estar visitando alguma pessoa internada no hospital.

Sem olhar muito quem estava no elevador, o cidadão começou a puxar conversa com meu falecido irmão. De repente se deu conta da situação e coitado, enfiou a cara na porta do elevador e desceu.

O banho há 65 anos-bacião



1958



1960-

Hora do banho. Os homens ainda podiam tomar banho no rio lagoas ou sangas. Isto no verão, e, no inverno? A solução quebra galho era colocar água quente no reservatório suspenso e banhar-se rapidamente, numa pequena peça. As mulheres tomavam um banho deste tipo. O bacião de metal era para banho meia sola, lavando dos pés até o joelho.

Aula de economia numa propriedade de Vila Maria-- RS



Há uns 25 anos, era comum uma camionete ou até um carro passar de propriedade em propriedade oferecendo gêneros alimentícios (farinha de trigo, sal, açúcar) e pegando em troca produtos da propriedade, como queijo, ovos, salame, galinha, pato, tomate...

Chegou um carro com uma gaiola de galinhas no teto, que estava todo sujo de coco. Eu disse, pena, porque não vem de camionete.

Resposta: custa menos em combustível.

A minha vizinha perguntou: não quer comprar galinha? Disse que não.

Nesta época, o pessoal que usa galinhas (principalmente galos pretos) para despachos está na praia. Tem pouca procura e o preço está muito baixo. Segure até terminar as férias. Veja só, uma aula de economia na colônia. Oferta e demanda.

O que é um catre?



Catre 1

Com 14 anos (hoje 66 anos) passava as minhas férias na casa dos meus avós maternos.

Um tio tinha no mesmo povoado um pequeno armazém onde vendia alimentos básicos, como arroz, açúcar, farinha de trigo e, claro, cachaça e cerveja. A cerveja era retirada, via um alçapão, do porão de terra de onde saía “gelada”.



Na frente do “bolicho” do tio havia uma cabana bem rustica, onde vivia um idoso de mais de 90 anos.

Piso de terra batida, fogo de chão, cordas para secar a roupa ou qualquer coisa, muito chimarrão de erva caseira e muito trago de cachaça. Para arrumar dinheiro, fazia uma erva mate e a vendia.

Onde dormia? Não tinha uma cama. Tinha um “catre”. O que é isso? Retângulo de tabuas com o formato de um colchão e preenchidas com palha de milho, envolta em um pano.

Vivia sua vida e não incomodava ninguém. De vez em quando, andava uns 40 metros e ia no bolicho do meu tio, prosear com quem lá estivesse, contando causos da sua juventude e tomar uns tragos. Vivia só. Tinha uma filha com recursos, mas era “feliz” com seu modo de vida. Tinha uma coisa chamada “liberdade”, que não há quem pague.

Catre 2

Nessa mesma época em vez de dormir na casa da avó Isolina, no povoado de Pulador, passava alguns dias na casa do meu padrinho Heitor, num sítio há 2 quilômetros dali.

Ele era solteiro e cuidava da sua propriedade, da pequena leitaria, algumas cabeças de gado, ovelhas e uma pequena lavoura.

Não sei de onde apareceu, nunca perguntei, um preto velho, chamado de “nego” Antônio. Homem retraído. Fazia serviços gerais. Já era bem velho quando o conheci. Não sei se, pela idade, não tinha sido escravo. Morava num galpão de chão batido, com fogo de chão (tição) que não apagava nunca, com uma muito antiga chaleira de ferro pendurada do teto. Deve ter hoje uns 100 anos. Ainda a tenho.

Eu, um piá da cidade, nunca me animei a puxar conversa com ele. Mas onde dormia?

Numa peça fechada, no galpão, com piso de madeira, a cama era um “catre”, um retângulo de tábuas e preenchido com palha de milho.

Passei alguns anos sem ir ao povoado e perguntei sobre o “nego” Antônio. Me disseram que tinha morrido. Fiquei muito sentido e procurei saber onde estava sepultado. Não achei no cemitério de Pulador.

Não souberam me dizer. Foi um personagem da minha infância.

A vida é uma escadaria



Para alguns a vida é como uma linda e longa escada, sem fim. Na vida real, num navio de luxo, a escadaria é sofisticada, especial para fotos de recordação de uma bela e cara viagem.

Para outros a vida é uma curta escada, sem atrativos. Num ambiente de favela, sem nenhum atrativo. Onde todos os dias de amanhã serão iguais aos de ontem.

O que leva alguns a ter que viver numa determinada escadaria?

A escadaria é uma simbologia do que acontece com as vidas das pessoas em qualquer lugar do mundo.

O “papel higiênico” na colônia antiga



Tinha uma propriedade dedicada ao turismo rural, denominada Refúgio Ecológico Colônia Paraíso, em Vila Maria -RS. Todas as construções eram feitas com antigas casas recicladas e pintadas nas cores antigas. Não tinha energia elétrica e a luz era de lampião a gás. Enfim a vida com construções e utensílios da época dos colonizadores.

Água pura diretamente das cachoeiras. Moderno só a pia da cozinha e um banheiro com chuveiro e vaso sanitário, integrados na casa. Mas algo não estava fechando.

Um banheiro a moda antiga. A famosa” casinha”.

Foi feita uma igual. Mas ainda estava faltando algo. O “papel higiênico” da época.

Colocamos várias versões à disposição dos interessados. Papel rasgado em quadrados (fincados num prego na parede), caixa com sabugo de milho.

Os primeiros a chegar, quando eram colocados os sabugos, pegavam os mais macios e os mais duros eram desprezados ou usados na falta de outro. Mostrando para umas senhoras, que devem ter vivido esta situação, me disseram: o senhor está esquecendo o papel de embrulho que era bem macio.

Conclusão: devem ter usado, estas alternativas.

A degola



Segundo as memórias de Luiz Tomasini,

“os Federalistas marcharam em direção à Passo Fundo para combater os Castilhistas. Foi justamente, quando da passagem dessas tropas, que capturaram os tropeiros do comerciante, entre as quais estava o pai João Tomasini, que trabalhava como madrinheiro. É o que segue na ponta ou frente montado em um animal manso com um cincerro (sino) pendurado ao pescoço.

Como presa estratégica, tiveram que acompanhar o efetivo dos revolucionários.

As tropas descansadas prosseguiram sua marcha em direção de Soledade para juntar-se a outras em apoio às do Cel. Prestes Guimarães. Antes do Rio Jacuí encontraram um pequeno foco de Castilhistas, os quais foram sumariamente eliminados por degolas. Não faziam prisioneiros”.

“É impossível falar na Revolução Federalista de 1893 sem falar em degola. Também é impossível falar em degola sem se lembrar do nome de Adão Latorre (1835-1923). Por dois anos, de 1893 a 1895, maragatos (de lenços vermelhos) combateram os republicanos pica-paus (que usavam lenços brancos). Latorre, esse negro pobre, descendente de escravos, nasceu no Uruguai.

Quando a Revolução de 1893 completava 10 meses, no dia 28 de novembro, ele cortou a garganta de dezenas de prisioneiros pica-paus que haviam sido reunidos num curral de pedras, depois de três dias de combates.

O carrasco não agiu por conta própria, até porque não tinha autonomia para tanto, mas, impiedoso e sem sentimento de culpa, fez o que os chefes esperavam dele: tingiu de vermelho o lenço branco dos inimigos.

Extraído de GZH, Carlos Fuentes, Ricardo Chaves

Limpadores das cidades.



Você já reparou no trabalho de limpeza de uma cidade? Todas têm algum tipo de serviço para retirar o que as pessoas colocam em sacos de lixo na calçada ou em containers. Também no que as casas de comércio descartam para retirar suas mercadorias, em caixas de papelão ou sacos plásticos.

As pessoas, que não conhecem este mundo da limpeza, dirão que sua cidade é razoavelmente limpa.

Ao menos em Passo Fundo há dezenas das denominadas carrocinhas de lixo, conhecidos como papeleiros, que todos os dias de manhã cedo até o entardecer, percorrem toda a cidade juntando todo o lixo descartado e que possa ter algum valor comercial (garrafas PET, plásticos, latas alumínio, papelão,) na venda para os compradores de sucata. Sem eles os caminhões de lixo das prefeituras não dariam vencimento ao volume e à dispersão, seja nas ruas centrais, seja nas vilas.

Sem esta gigantesca máquina, de pessoas anônimas (muitas acompanhadas de sua esposa, filhos pequenos, e os cachorros da família), a cidade ficaria suja e, certamente, aumentariam as doenças pelo lixo apodrecido ou que retém água para criação de mosquitos. Sem falar na criação de baratas e de ratos. Ganham dinheiro para sustentar suas famílias. Opção de vida ou necessidade pela baixa ou inexistente escolaridade e qualificação profissional?

E os cachorros que acompanham os catadores?

O que os leva a caminhar quilômetros, no sol ou na chuva, junto com seus donos? Certamente não é uma boa refeição, na rua ou onde seus donos trabalham.

Talvez a maior razão seja a liberdade e a atenção que recebem ou a segurança de estar com alguém que os protege. Que lhes dá atenção. Animais, são sensíveis à atenção e ao carinho. Na rua ou em casa.

Também pode ser por, simplesmente, gostarem de passear, de caminhar.

Há outros milhares de limpadores das cidades e das áreas limítrofes.

Os morcegos podem não ser bonitos, mas são nossos amigos. Limpam os insetos que, aos milhões habitam as partes antigas das cidades ou de cavernas nas áreas rurais. Calcula-se que cada morcego chegue a se alimentar com 300 a 500 insetos por noite. Das 1.300 espécies somente 3 se alimentam com sangue e, destas, só uma causa problema.

Também são muito importantes para a polinização em geral, principalmente de árvores frutíferas, que tem flores que os atraem. A maçã e outras frutas que comemos podem ter sido polinizadas por um morcego, que buscou no néctar da flor, algo nutritivo.

Dois limpadores anônimos das cidades: os seres humanos e os morcegos com seu trabalho noturno.

Eu gostaria

Eu gostaria de ver um mundo mais justo

Que acreditar que, a humanidade avançou, não é uma utopia

Que a área de relações humanas, cresça e que seja algo duradouro

Que a educação seja para todos e com qualidade

Que a miséria não aumente ainda mais com o crescimento populacional

Que a fome não aumente ainda mais nos países pobres

Que a humanidade não necessite buscar água em outros planetas

Que nos conscientizemos que vivemos numa linda casa, chamada Terra

Que estamos destruindo, com o lucro de poucos e a desgraça de muitos

Eu gostaria de continuar a ser um sonhador de um mundo melhor

Chile: passar frio não tendo dinheiro num povoado a beira mar

19/02/2018



Chile

Foi em 1994. Eu e a minha companheira, Lizete Augustin, fomos ao Chile, lindo país, linda capital.

Na época., era uma cidade muito limpa, povo muito educado, um bom metrô.

Comida em conta e para quem gosta, muitos pratos com especiarias do mar. Pode-se pegar um trem na Gare do Norte, em direção ao Sul.

Viagem maravilhosa, lindas paisagens, sendo que, para quem viaja ao Sul, a sua esquerda, você enxerga as montanhas nevadas, Cordilheira do Chile, e entre os trilhos e elas, quilômetros e mais quilômetros de frutas de todas as espécies.

Viajamos até quase ao final da linha férrea, na cidade de Chillan, e nos hospedamos no Grande Hotel Chillan, que de grande só tinha o nome. Mas tinha uma boa localização para conhecer a cidade e maravilha, uma



Feira em Chillian

feira livre, com maravilhosas verduras, enormes milhos verdes, tomates, e uma infinidade de produtos hortifrutigranjeiros, que nunca havíamos visto. Além de certamente o solo ser fértil, o clima deve ser muito propício, o que dá para verificar na beleza dos produtos. Chillian, 02/1994

Subindo a montanha havia um hotel com águas termais, mas não tínhamos muito tempo sobrando e optamos por deixar para outra viagem.

E daí, o que fazer? Pegar o trem de volta ou achar outro passeio? Bem, alguém nos falou que poderíamos pegar um ônibus (tinha de tudo dentro, só faltou um porquinho) e ir e voltar no mesmo dia a uma pequena cidade, parando para tirar fotos com focas, o que para nós era novidade.

Resolvemos tirar fotos com as focas, que estavam próximas numa pequena ilha, e tivemos que tirar os calçados e a água estava um gelo, muito fria. Cada um tirou uma foto correndo e colocamos os calçados num pé gelado



Pegamos outro ônibus que nos levou até o final da linha, numa pequena cidade. Por precaução, comprei as duas passagens para voltar a Chillian.

No caminho, numa região de pequenas propriedades, vi uma plantação de uvas, praticamente rasteiras, semelhantes às que tinha visto na Espanha, num enorme tapete na Mesquita Catedral em Córdoba. Herança cultural.

Bem, na hora do almoço, fomos ao melhor restaurante comer, lógico, um bom peixe. Hora de pagar. Apresento o cartão de crédito e o caixa disse, estamos sem internet. Só a dinheiro. Pânico. Estávamos praticamente sem dólares. Pagamos e ficamos sem dinheiro algum.

Como já havíamos comprados as passagens para a volta, poderíamos esperar, até a saída.

Acontece que, saímos com roupas de verão e começou a esfriar muito.

O que fazer? Nenhuma loja aberta para passar o tempo. Procurando um local de pouco vento, encontramos uma casa de chá. Entramos e começamos a olhar uns quadros, e comenta-los para passar tempo.

Contamos as moedas e vimos que dava para uma xícara de chá. A atendente perguntou se não queríamos duas. Agradecemos e ficamos bebericando e olhando outros quadros. Pura enrolação.

Perto da hora de pegar o ônibus, agradecemos a gentileza e nos mandamos para a rodoviária. Nos enfiamos no ônibus, com frio, mas sem vento.

Coisa, boa, voltar para o hotel e colocar uma roupa quente.

Linda e inesquecível aventura, pelas focas, pelo frio, por estar sem dinheiro.

Dia seguinte, regressamos de trem a Santiago.

Chile é lindo.

18 de abril de 2008

Folha do Meio Ambiente

Meus caros amigos:

Nada mais doce do que a recompensa das ideias e do trabalho que desenvolvemos ao longo da nossa breve existência neste planeta denominado Terra.

Sinto-me gratificado e agradecido a FOLHA DO MEIO AMBIENTE, por ter enviado, e este jornal ter aceitado, a publicação do artigo “A injusta medição de água em condomínios”, (ano 12, edição 123, janeiro/fevereiro de 2002).

Na minha cidade, Passo Fundo, um vereador publicou, praticamente na íntegra, o artigo como se fosse de sua autoria e encaminhou um projeto de lei tornando obrigatório o uso de hidrômetros individuais nos novos prédios. Não protestei, porque, em minha opinião, valia mais o fato da ideia ter sido adotada (copiada), do que a deixar restrita a uma página de jornal ou da internet (águaonline, onde também foi publicada). Creio que em 04/2002.

Neste mês a imprensa publicou que está para ser votada no Congresso Nacional, uma lei tornando obrigatório o uso de hidrômetros individuais em prédios coletivos. MARAVILHA. Somente lamento que os Conselhos Regionais de Engenharia não tivessem liderado este assunto.

Pergunto: não seria o caso de a FOLHA fazer alguma matéria a respeito, mostrando seu pioneirismo? Várias pessoas publicaram artigos a este respeito.

Um abraço

Eng. Agr. Roque G. Annes Tomasini

Cachorro guaieca



Quem é mais feliz, um cachorro de apartamento, ou um que caminha na rua e dorme quase que ao relento e toma banho de chuva.

Não sei como medir felicidade de cachorro, mas basta olhar para o rosto de um guaieca, para ver que está vivendo a vida. Melhor dos que estão numa almofada num belo apartamento ou amarrados numa corrente no pátio de uma casa.

O guaieca, se gosta de ti, sacode o rabo como sinal de simpatia.

Ele atravessa a rua sem olhar para os lados, pois afinal seu lar é a rua.

Minha filha pegou na rua de sua casa, um guaieca preto. Levou para seu pátio, deu uma boa ração, o levou para dormir dentro de casa num colchonete especialmente, comprado. Enfim, ela deu tudo o que ela pensava que ele precisava. Mas ele perdeu algo, vivia meio triste.

Ela não entendia o porquê de ele estar triste, até que um dia ele fugiu e ficou feliz. Daí ela entendeu que ele havia recuperado, algo muito precioso: sua liberdade. Foi para sua casa, na rua.

Resultado, colocaram uma casinha na rua, e ali o alimentavam e ela entendeu que a liberdade é um bem imensamente precioso. Só a valoriza, quem a perdeu, seja um cachorro de rua ou um ser humano.

Nós a perdemos, por imposição da sociedade, e a substituímos por outros valores. Mas somos realmente felizes com a sociedade em que vivemos? Bem, cada um vive o seu tipo de felicidade.

Voo no avião Electra da Varig



Voar em avião a jato é moderno e confortável, ainda mais na primeira classe.

Viajar, de qualquer forma de transporte, não pode ser algo sem emoção, elegância. Tem que ter um charme.

Hoje, mesmo nos jatos modernos, a viagem se resume a dormir, tentar esticar as pernas e, eventualmente, ganhar um salgadinho. A água ainda é de graça. Quem conheceu o poderoso Electra, com seus quatro enormes motores turboélice, desfrutou de uma era da aviação que não volta mais.

Primeiro aquela sensação de voar naquele poderoso avião. Podia voar só com dois motores.

Se o tempo ajudasse, era um voo sereno, relaxante. Fiz vários voos na rota Porto Alegre-Brasília.

Bem agora vem o serviço de bordo: café da manhã, almoço ou janta em pratos de porcelana. Talheres de primeira categoria, da Zivi-Hercules. Guardanapos de excelente tecido. Copos de vidro com a marca Varig.

Nas refeições, whisky outros aperitivos, vinho branco ou tinto (nacional e importado), refrigerantes e água.

A bebida era à vontade. Obviamente alguns se entusiasmavam e bebiam além da conta.

Agora a melhor parte: nos fundos do avião, na cauda, havia um enorme sofá circular para os passageiros descansarem e um espaço de uns 6-8 metros quadrados em frente ao sofá. Eu estava num voo em que presenciei alguns passageiros bêbados, pulando e cantando músicas de carnaval.



Bonito? Depois de algum tempo aparece, furioso, o comandante, mandando todos sentarem, uma vez que a bagunça estava atrapalhando sua pilotagem, estava com dificuldade para estabilizar o avião.

Saudades do Electra,

Bons tempos.

Vacina da esperança e a realidade da fome-2022

A vida das pessoas e da sociedade é feita de dilemas e de opções diárias.

As imagens de idosos recebendo a vacina da ecovid-19 são de alegria e esperança em fugir da morte, em viver mais alguns anos com sua família.

Por outro lado, as imagens de pessoas desempregadas ou que vivem à margem da sociedade, são chocantes. Vacina para estes grupos sociais é algo que sabem que não vão receber tão cedo. Somente uma minoria da população que está nos grupos de idosos e outras categorias, é que a receberão a curto prazo.

A grande maioria esperará no mínimo um ano para ser vacinada.

O dilema da sociedade e principalmente dos governantes é, diante da escassez de recursos, ter que optar entre investir maciçamente em vacinas e socorrer, ao mesmo tempo, financeiramente a população sem renda. Há recursos pra tanto? Aparentemente não. Endividamento excessivo pode significar a volta da inflação, o que ninguém quer.

Até quando continuaremos assistindo nos meios de comunicação a alegria de uns que receberão a vacina e de outros que passam fome, para a qual não há vacina disponível?

Porque as vacinas contra o Covid-19 estão chegando tão rápido?



No início das primeiras notícias sobre a pandemia da Covid 19, o pânico começou a se instalar porque a ameaça que parecia ser algo distante, e para poucos, em poucas semanas se mostrou algo monstruoso e que se espalhava nas formas conhecidas pela área médica e por outras sequer imagináveis. Não era doença de pobre. Não. Doença de qualquer ser humano vivo, em qualquer lugar do mundo, independente de classe social ou poder econômico.

Como se espalhou? Facilidades de se deslocar por carro, trem, ônibus, por vários países. Milhares de hotéis que abrigam pessoas do mundo inteiro. Centenas de voos internacionais e milhares de voos regionais diários. Dezenas de navios de cruzeiro, alguns com 6.000 passageiros e tripulantes, confinados por 2-3 semanas. É tudo que o vírus teve a disposição para se espalhar rapidamente pelo mundo

A reação da área científica e médica, foi com base, obviamente, em conhecimentos de doenças causadas por vírus semelhantes e estudados nos últimos anos. Semelhantes, mas nada igual ao Covid 19.

Inicialmente foi feito o combate com base no que se sabia com a experiência de trabalho com vírus semelhantes, com erros e com acertos.

Muitas das possíveis mortes iniciais foram evitadas, com o conhecimento científico acumulado durante as últimas décadas.

Mas e a história das medicações contra o Covid-19, nas quais a humanidade se agarrava como um náufrago em alto mar, em qualquer coisa?

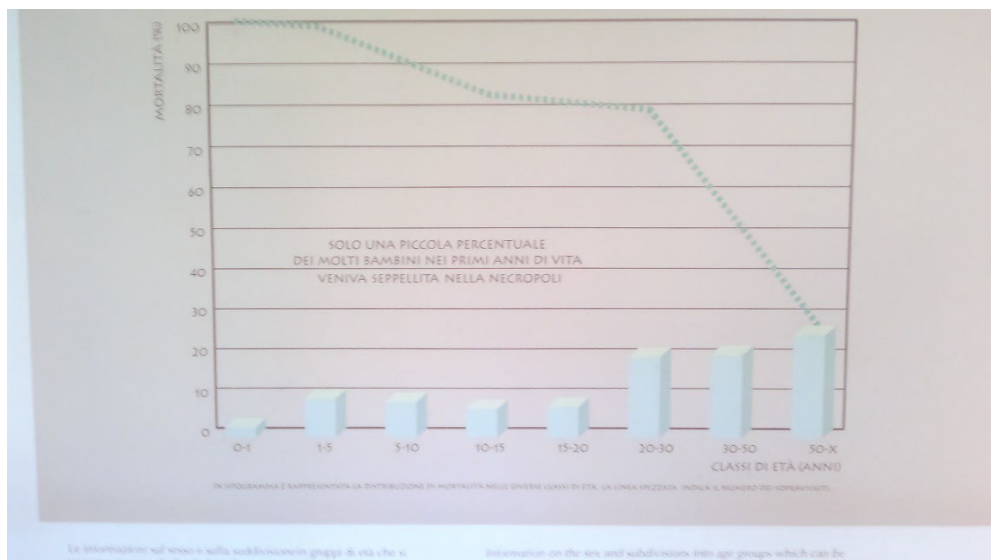
Que milagre foi esse de as vacinas terem aparecido em tão pouco tempo e já estarem sendo aplicadas? Esta situação era inicialmente esperada para, no mínimo, um a dois anos após o início da pandemia.

Milagre? Pode ser, se as pessoas acreditam nesta palavra segundo suas crenças religiosas.

A grande maioria das pessoas no mundo inteiro não sabe de onde vem as tais vacinas. Elas só querem saber se vai ganhar de graça e se vai funcionar.

Mas qual era a expectativa de vida na antiguidade, quando a palavra vacina sequer existia?





No museu Terme di Dioclesiano, Roma, há um quadro (data não mencionada) no qual mostra que a longevidade das pessoas era extremamente curta. De 0 a 1 ano seria de 4%, de 01 a 05 anos de 10%, de 20 a 30 anos de 20% e de mais de 50 anos seria de 28% (estes eram considerados “velhos”).

Está escrito no quadro: Solo una piccola percentuale del molti bambine nei prime anni di vita veniva seppellita nella necropoli. (Apenas uma pequena porcentagem das muitas crianças nos primeiros anos de vida foi enterrada na necrópole).

A Wikipedia cita que no século 2, a mortalidade infantil era de 400 a cada 1.000 crianças. A expectativa de vida durante o Império Romano era muito baixa: girava em torno dos 30 anos.

Números impensáveis nos dias atuais. Melhor habitação, alimentação e menos doenças, e acesso a medicamentos abundantes, vacinas gratuitas, são algumas das causas do maior número de anos de vida nos anos recentes.

Qual o papel da ciência nesta história de Vacinas?

Pesquisas básicas que aparentemente não levam a lugar algum, de alguma forma poderão servir a outros pesquisadores como dado básico para suas pesquisas ou para despertar para uma nova linha de pesquisa. Isto deve ter ocorrido com os conhecimentos adquiridos recentemente e que estavam sem uso de aplicações imediatas.

Ante a situação da pandemia a comunidade científica reuniu esforços e começou a conhecer particularidades do vírus Covid 19. Conhecido o inimigo, sua estrutura e seus hábitos começou a fase de como combatê-lo, via hipotéticos medicamentos e o desenvolvimento de vacinas. Ficou muito mais fácil do que se os cientistas tivessem que começar do zero. A ciência é universal e acumulativa. Quando necessário é adaptada a novas situações e aperfeiçoada, como no caso da pandemia.

Finalmente, uma razão importantíssima para o muito rápido surgimento de vacinas específicas para o Covid-19: lucro.

No Brasil temos instituições governamentais com tradição na fabricação de vacinas, com ou sem subsídio governamental. Porém, na grande maioria dos países a fabricação de vacinas é feita por empresas privadas, onde sem o lucro de seus produtos, não sobrevivem.

Qual a empresa que desprezaria um mercado de mais de 7 bilhões de possíveis consumidores e compradores do seu produto?

Lucro: esta palavra sempre motivou o desenvolvimento de novos negócios, de novas tecnologias, e no caso das vacinas não é diferente.

Agora, através de duas palavras, ciência (básica e aplicada) e lucro, pode-se entender porque as vacinas contra o Covid-19 estão chegando tão rápido, com quase dez produtores, aos governos e consumidores.

Nos dias atuais, assim como no passado, a pequena propriedade, é muito importante para a geração de empregos e de alimentos, sejam hortifrutigranjeiros e principalmente na produção de aves, suínos e leite.

As que sobrevivem com boa renda familiar, podem ser pequenas no tamanho de área, mas, necessariamente, grandes em tecnologia.

Por muitos anos, a pequena propriedade era significado de pobreza e de falta de futuro para seus filhos.

Seus habitantes eram chamados de “colonos”, o que era sinônimo de pobreza.

Hoje, o sistema cooperativo, as novas tecnologias e a educação rural, a está levando a um patamar de prosperidade e até da volta de seus filhos, da cidade para as terras da família.

Hoje, são chamados de empreendedores rurais. Com força econômica e política.

Nos dias atuais, as pequenas propriedades se concentram em poucos produtos, pela facilidade de produção e de comercialização.

No passado, permanecer na terra significava permanecer parado no tempo, para os pais e principalmente para os filhos.

Mas, como em todo grupo social, sempre há exceções.

O pai de um colega (eng. agr. Dirceu Gassen), tinha um caderno cheio de anotações. Por muitos anos, guardei uma cópia como uma preciosidade antiga, quando na verdade é um tesouro de informações das vendas de uma propriedade, datado de 1933. De abril deste ano até 1936, com anotações diárias do que era vendido, quantidade e o valor da venda. O nome do livro, em alemão, é Kassenbuch (espécie de livro caixa), do fabricante Rotermund & Rossler.

Provavelmente a propriedade era situada no município de Santa Rosa, Rio Grande do Sul. O colega Dirceu Gassen, faleceu há alguns anos e não pude descobrir a localização exata.

Como na época os canais de comercialização eram muito dependentes do relacionamento pessoal e da diversidade de produção, para manter uma

renda mensal, além de alguns produtos básicos, se produzia qualquer coisa que pudesse agregar renda a propriedade.

De 1933 a 1936 foram relacionados 48 produtos, embora este número seja maior, pois quando se referem ao nome genérico de bergamota ou laranja, estas eram produzidas com mais de uma variedade. Muitos não foram relacionados, pois estavam escritos em alemão e não consegui traduzi-los.

23/7/1933

Porcos, laranja, bergamota, caqui, carne, fumo em folha, uva, macieira,
pereira, verduras, Schirmer, palha

17/08/1933

Vigas de madeira, sabão, figos, pêssago, pinheiros

1934

janeiro

Pera, Pepinos

Fevereiro,

Feijão, mandioca, laranja umbigo, laranja do céu, romã, batata doce, batata,
cebola, cacho de banana, laranja Natal

8/julho/agosto/setembro

Erva mate, pera lecante, pera Smith, bergamota do céu, taquaras, couro,
tangerina, espiga de milho, algodão

Junho

Alfafa, taquaras

Abril

Porquinhos leitões

Setembro

SOJA, flores

Alguns dirão. Todos produziam um pouco de tudo.

A análise dos produtos mostra que, se a família Gassen tinha este grau de diversificação, era porque havia o conhecimento e demanda por seus produtos.

No período 04/1933 a 12/1936, os produtos mais relacionados foram banha (na época a única gordura utilizada na cozinha), schimier (refletindo a origem alemã da família), carne de porco, laranjas, maçã, caqui e ovos.

No mês de outubro de 1938, foi relacionada a venda de um saco de soja, na época uma novidade, o que atesta o pioneirismo desta propriedade.

Sem dúvida, esta era uma propriedade diferenciada, e a diversidade da produção atesta que a diversificação era a base da sua estabilidade, com renda entrando durante todo o mês.

Hoje a soja é a base da renda na maioria das pequenas propriedades, produto que depende da valorização externa e dos custos de produção. E pior, ocupa muito pouco a mão de obra familiar, levando os filhos a irem para as cidades, aumentando a taxa de desemprego urbano. Poucos vão para estudar.

Na análise dos preços de dois produtos essenciais, citados quase todos os meses, no período 1933 a 1936, embora variassem mês a mês, há uma

firme valorização do preço da banha em relação ao da carne de porco, o que, na época era natural.

Haviam vários tipos de carne (suína, bovinos, aves), mas, para cozinhar, a banha de suíno praticamente não tinha substituto. Daí a sua valorização, valendo na média anual, o dobro do preço da carne suína.

Este trabalho, com base em registros efetuados há 89 anos, mostra que, a grande maioria produzia banha simplesmente para consumo direto para grandes centros de consumo no centro do país, e era levada por vagões ferroviários. Já a carne, produto altamente perecível, deu origem a empresa Sadia de transportes aéreos, que a levava de Concordia SC, para São Paulo, inicialmente em aviões bimotores DC-3.



Não tem para onde escapar.



O mundo é redondo. É instantâneo.

Hoje as crianças não conhecem mais a expressão “vou embora desta casa”. Era uma maneira de dizer aos pais que não se conformavam com as regras da época e que queriam sair de casa. Na verdade, não queriam. Era uma forma de protestar.

Na vida real, muitos diziam que iam sair do Brasil e ir para o Paraguai. Também era uma forma de protestar contra situações da vida real e com a qual não se conformavam.

Nos últimos anos, milhares saíram do Brasil, principalmente para os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, países europeus, Austrália, Nova Zelândia.

Veio a pandemia e junto com ela a situação econômica mundial piorou e deixou de oferecer boas perspectivas de vida. Os pobres ficaram mais pobres e a classe média, estagnou.

O mundo está tão sem perspectivas e tão confuso social e economicamente, que não existem ilhas tranquilas para onde se possa fugir. O mundo tem que se repensar. Ou acordamos para o caos que o mundo está vivendo, ou ficaremos numa situação semelhante ao “inafundável” navio Titanic. Pânico e desespero.

Ninguém quer um país de pobres. A pobreza extrema abriu o caminho fácil para o surgimento de aproveitadores políticos, como aconteceu e acontece aqui na América Latina e América Central. O mesmo acontece na pobre África e em países da extinta URSS.

Os europeus que tanto exploraram a América Latina e América Central, especialmente a África, hoje estão preocupados com sua sobrevivência.

Outra questão, estamos com quase 9 bilhões de habitantes. Não há, hoje e nos próximos anos, educação e dinheiro para todos terem um padrão de vida próximo dos americanos e europeus.

É, não dá para pegar a malinha e dizer, vou embora desta casa. Para qual casa?

Que casa estamos preparando para nossos filhos e netos?

MARISA POTIENS ZILIO



Escrever algo sobre você é fácil. Tantos anos de amizade e de vivência. Por onde começar?

Entrei na UPF em 1977 e não sei em que ano ouvi falar que você era professora. Começamos a nos relacionar quando você assumiu uma Vice Reitoria e me convidou para tua assessoria. E, aí o relacionamento foi-se aprofundando. Quando te candidatastes à Reitoria da UPF, abracei tua candidatura.

Me lembro, com perfeição, que sempre fostes uma professora, que tratavas as pessoas com educação e que sempre estavas muito elegante.

Bem, finda a fase administrativa, teu espírito irrequieto, fundou a empresa EDUCAR, de assessoria à municípios, onde você e professores

convidados proferiam palestras, segundo temas solicitados pelos Secretários de Educação do município.

Eu era o motorista da turma que ia palestrar e também o tesoureiro. Visitamos muitos municípios e muito me diverti na função de motorista e de quebra galho geral.

Um episódio é inesquecível. Foi num município: vizinho de Lagoa Vermelha, estrada de chão (na época), mas boa.

Chegando lá, um lugar bonito, Marisa desceu e, elegantíssima, saiu do carro e ia abraçar os professores que nos aguardavam. Maravilha.

Aí aconteceu o desastre.

O piso era de grama, havia chovido e a terra estava muito molhada. Marisa desceu e com sapato de saltinho, sabe, aqueles bem fininhos e elegantes, enterrou o salto do sapato até a base. Ninguém riu, até porque era a professora que iria palestrar disse: Marisa, disse uma amiga, não estas mais na Reitoria. Aqui só tem grama na saída do carro. Daí sim, risada geral.



Tirou o pé do sapato enterrado, caminhou descalça e o sapato foi lavado.

Agora sim, Marisa, sem se perturbar, reassumiu o papel de figura elegante, e começaram as conversas que combinariam as palestras.

Terra de Canal San Bovo, Itália, para os netos



Hotel em Canal San Bovo



Mate com amor

No último dia em Caoria-Canal Bovo -Itália, lembrei de tirar um pouco de terra e trazer para Passo Fundo.

Enchi pequenos vidros e dei um para cada filho e filha, assim como para netos.

A terra foi tirada ao lado do hotel da foto, ao lado direito da Lizete. Na outra foto, mate com erva de Ilópolis, na sacada do hotel, num momento de imensa felicidade, numa bela manhã. Ao fundo as montanhas Dolomíticas

As Dolomitas formam uma cadeia montanhosa dos Alpes orientais no norte da Itália. A área dolomítica estende-se entre as províncias de Belluno- que constitui sua parte mais relevante- Bolzano, Trento, Údine e Pordenone. O ponto mais alto das Dolomitas é a Marmolada, com 3.343 m de altitude.

O chefe é exigente



Não há quem não tenha um chefe ou uma chefe. Cada um com sua situação.

Eu tenho um chefe, muito simpático e prestativo.

Todos os sábados, vejam só, as 8,00 horas da madrugada, sol ou chuva, convoca seus colaboradores para um café numa padaria.

Lidera um pequeno grupo de notáveis colaboradores e, ouvintes de seus imensos conhecimentos. Técnicos e religiosos. Nos religiosos regride seus conhecimentos para 3.000 AC e os vai explanando até os dias atuais. São conhecimentos, em detalhe, de 4.000 anos.

Bem até aí tudo bem porque a sessão cultural termina as 9,30 h.

O grupo já é conhecido e as atendentes da padaria já sabem os pedidos de cada um. Café com leite, taça grande com leite ou um simples cafezinho preto.

Bem, o chefe ainda tem conhecimentos que não puderam ser explanados e então convida quem quiser ir ao seu escritório, que também pode ser chamado de santuário, para pontos de vista e interpretações de coisas que você nem imagina que possam ser vistas da forma como o chefe as interpreta. Para comprovar suas interpretações tem duas bíblias, cada

uma, com 1.800 páginas. São 18,30 e você pede licença para se retirar. Ele concede, mas primeiro solicita que você dê uma olhada no site GratiaPlena, sua obra prima, que está para ser enviada à biblioteca do Vaticano.

Olhada, não. Leia com atenção.

Minhas saídas com meu amigo australiano

Trabalhava em Brasília, no Escritório de Planejamento EAPA -SUPLAN-Superintendência de Planejamento, órgão de assessoria direta ao Ministro da Agricultura. Um técnico foi incluído num acordo internacional com a Austrália e fui designado para colaborar com sua tese de doutorado.

Excelente pessoa como técnico e como profissional. Viajávamos pelo Brasil e numa viagem ao Rio de Janeiro, ocorreram fatos interessantes.

Restaurante com show



Numa delas ele queria ir num restaurante típico carioca e que tivesse música.

Embarcamos num táxi e ele pediu um restaurante com show. O motorista, malandro, ouviu aquele sotaque de gringo e nos levou a um local, em que ele deveria receber comissão por passageiro lá levado.

Entramos, e tinha de tudo. Era uma boate barra pesada, com mulheres peladas em gaiolas penduradas no teto, Ele se entusiasmou e lhe disse, este restaurante não é típico carioca. Vamos noutro me desta vez, deixa que eu falo.

No outro taxi, disse, nos leve a um bom restaurante que tenha música ao vivo.

Ai sim, jantamos boa comida, com boa música.

Restaurante do Hotel Copacabana



Caminhando na praia, ele encontrou colegas que trabalhavam no Banco Mundial. Grandes abraços e grandes papos. Tudo em inglês e eu meio por fora. Como já estava passando da hora do almoço, sugeriram um almoço, ali perto, no restaurante do Hotel Copacabana. Me convidaram para acompanhar e como eu iria dizer não?

Fomos e no couvert tinha comidas maravilhosas e maravilhosamente caras. Fiquei apavorado, como com minha diária de viagem iria pagar algum daqueles pratos. Não dava para dizer, não posso ficar. Eles só comentando os belos e muito caros pratos. E no meio da conversa falavam em alugar avião para viajar por lugares turísticos no Brasil. Acontece que, como técnicos do Banco Mundial, deveriam ganhar um bom pagamento em dólar.

Sem saída, olhei qual era o preço mais baixo do cardápio. Solicitei uma massa simples.

Findo o almoço, a conta foi solicitada e pedi a minha em separado.

Surpresa, a conta era coletiva e por conta deles. E se não fosse?

Viagem a Ponta Porã



Numa viagem a Ponta Porã, naquela época, 1973, o melhor hotel ficava no lado brasileiro,

À noite, o que fazer? Ir a um bar no lado do Paraguai e passar o tempo num ambiente alegre. Como no hotel notamos que não havia papel higiênico, compramos um rolo e o deixamos em cima da mesa, junto com as cervejas.

Estávamos curtindo o ambiente, e apareceram algumas mulheres, que obviamente faziam parte do cardápio do local. Olharam para nossa mesa e desandaram a rir e comentaram conosco, apontando o rolo de papel higiênico: “vieram preparados”?

Almoço as 17h, no Paraná

Em 1974, não era fácil achar um restaurante no Paraná, as 17,00h, ainda mais perto da fronteira.

Para matar a fome em algumas viagens, tínhamos que comer pêssego enlatado com sardinha.

De repente apareceu um restaurante, cuja frente era de tábuas rusticas. Alguém sugeriu, vamos olhar.

Entramos e, mesmo naquela hora, haviam alguns pratos prontos na mesa e também tinha música ao vivo, de um conjunto paraguaio.

Pratos escolhidos e as barrigas roncando de fome.

Vamos lá.

Eu, pedi um prato de comida árabe, kibe cru. Não era hora e nem local para comer este tipo de prato.

Disse aos colegas, se passar mal, podem me levar ao hospital e dizer: ele comeu carne crua estragada.

Comi, estava uma delícia.

É um dos meus pratos preferidos.



Pastel de vila e candidato a vereador



É mais fácil ser candidato a presidente, senador, deputado, do que a vereador.

Candidato a vereador diz que conhece todo o mundo na cidade e todo o mundo diz que jura que vai votar nele.

Fui candidato a vereador e pelas promessas ,105% dos eleitores deveriam ter votado em mim.

O meu amigo, candidato a vereador, não era muito conhecido e ia em todas as vilas. De manhã, a tarde ou a noite, ou por fome ou por estratégia de campanha Se apresentava e pedia um pastel. Podia ser um relativamente novo, não tão novo ou um que estava esquecido atrás do balcão de vidro do boteco. Uma mosca cuidava do pastel.

E incrível. Nunca sequer passou mal ou teve uma simples dor de barriga. Dezenas de pasteis e promessas e nada de ser eleito. Mas aprendeu a nunca acreditar em promessas entusiasmadas.

Se carregarem pro cerrado, não me responsabilizo



Quando morei em Brasília, construí uma casa no Lago Norte, com um arquiteto indiano que era aluno no curso de pós graduação de Oscar Niemeyer. Era uma casa diferente. A parte que normalmente ficava nos fundos do terreno, ficava na parte da frente da rua. A garagem e a entrada para a área de serviço.

Tinha uma empregada com uns 16-17 anos, que nos foi indicada por uma tia dela. Boa pessoa.

Em frente a minha casa tinha uma que estava em construção. As pessoas que lá trabalhavam, por curiosidade olhavam para minha casa e começaram a notar que a minha empregada costumava trabalhar no tanque, com a porta de serviço aberta.

Detalhe importante: usava uma saia curta e se debruçava tanto no tanque, que mostrava o que era possível mostrar. Propositalmente ou não.

Na obra da frente, o pessoal mais olhava o traseiro da empregada, do que trabalhava na obra.

Uma tarde o mestre de obras desta casa, tocou a campainha da minha casa, minha esposa atendeu e ele simplesmente disse: se arrastarem sua empregada para o cerrado, não tenho nenhuma responsabilidade. Mais claro que isso, impossível.

Semana seguinte, chamamos a tia da menina e a dispensamos.

A morte avisa

Diz o ditado: para morrer precisa estar vivo.

Morre -se ao nascer, ou ao longo de uma vida de até 120 anos. Mas, o certo é que ninguém fica para semente.

Uns praticamente não vivem a vida, só convivem com ela.. Outros deixam os anos passarem e não pensam até quando viverão.

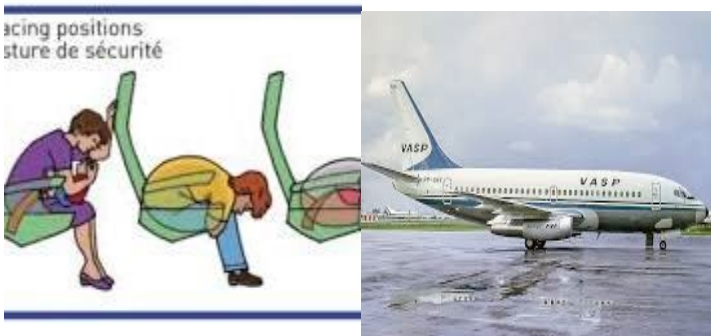
Sempre ouvi dizer que, ela pode avisar que está se despedindo de você.

Aconteceu comigo em duas oportunidades.

Voo da VASP

Uma as duas da manhã, num voo do Rio de Janeiro para Brasília. O avião tocou o solo a 2,0 km da pista de pouso, em pleno cerrado. Uma enorme batida. Quem não estava com o cinto de segurança, voou do assento e tudo o mais que estava solto, pessoas, máscaras de oxigênio caíram. Enfim, caos total. Conseguiu arremeter e ficou sobrevoando o aeroporto e tentando ver se o trem de pouso ainda estava no lugar. Depois de uma meia hora fomos avisados que iríamos descer e que que poderíamos descer de barriga.

Atem os cintos e se coloquem na posição de emergência.



Lembrei-me de tirar do bolso da camisa as canetas e, não me 'perguntem como, em questão de segundos, inconscientemente, minha vida passou diante de mim.

Aterrissamos com todos os bombeiros ao longo da pista. Assustados, mas vivos

O avião, Boeing 707, VASP- PP-SMF, ficou um bom tempo em revisão.

O computador da CTI te mostra que a morte está chegando

Outro caso foi com minha falecida esposa, que estava com um câncer grave e sendo atendida por 3 médicos de renome, no Hospital Moinhos de Vento, porto Alegre.

A via se despedindo da vida todos os dias, mas com esperança de cura.

Até que um dia disseram, não vamos deixa-la sofrer. Disseram tudo.

Em poucos dias foi para a CTI. Avisaram que estava muito mal e sua irmã, seus filhos e eu fomos nos despedir dela.

O monitor registrava seus sinais vitais bem irregulares.



De repente, estes sinais mudaram e mostraram que tudo estava normal. Por, talvez, um segundo e em seguida, mostraram que havia falecido.

Foi à sua despedida.

Meu carro ideal



Jeep Commander Pata Choca.

Em Panambi há uma empresa especializada em antiguidades e com itens os mais diversificados, muitos adquiridos em leilões do exército.

Há uns 20 anos foi realizada em Panambi uma exposição de carros antigos, a qual compareceram colecionadores de toda a região e de Santa Catarina. Um dos veículos que mais chamou a atenção foi um pertencente a esta empresa. Recuperado nos mínimos detalhes. Não pude resistir e tirei uma foto devidamente paramentado.

Me disseram que é o veículo ideal para dirigir em cidades movimentadas, onde poucos dirigem como deveriam. Pena é o consumo.

. Deve ser no máximo 2km/l, num motor 6 cilindros

A venda da Jurássica



Sábado pela manhã, estou em casa e de repente alguém liga perguntando se tenho um Camionete “Cachorro Louco” para vender. Digo que tenho e o cidadão diz que quer comprar. Pergunta se está boa e digo que sim. Me reserve um quarto de hotel na cidade que vou ai comprar. Efetivamente veio, nem entrou na camionete. Pagou em dinheiro vivo e então providenciamos a documentação de sua compra e o envio para São Paulo. Está em São Paulo num hotel fazenda, transportando hospedes em trilhas.

Nós a chamávamos de Jurássica por ser muito antiga e que ia em qualquer lugar.

A venda da Belina 1971



Sábado de manhã, como todo bom gaúcho estava preparando a carne para um churrasco quando toca o celular e alguém pergunta se tenho uma Belina para vender. Digo que sim e resposta: então é minha. Pensei que fosse um trote e desliguei. Em seguida ligam de novo e a mesma pergunta e a mesma resposta. Disse, meu amigo posso até lhe vender o carro, mas sábado é dia de fazer churrasco. Conversamos segunda-feira.

Me liga de novo e a pessoa diz que segunda me ligará e que não a venda para ninguém.

Segunda de manhã, disse que queria mandar o dinheiro e que queria o banco e a conta para remessa.

Perguntei ao banco, se depois do dinheiro entrar na minha conta, tinha como voltar atras. Não, entrou e fim.

Mandou e daí pedi seus dados e endereço para entrega. Documentação ok e lá se se foi a Belina para Brasília.

LIBERDADE

Liberdade

O que é liberdade

Você já sentiu o gosto da liberdade?

Liberdade para que?

Será que ela nasce com o seu nascimento?

Liberdade para fazer sua vida, para sobreviver

Para fazer o bem ou o mal

Você sabe como busca-la?

A sociedade lhe ajuda a busca-la?

Porque cada vez temos mais pessoas infelizes?

A tecnologia nos permite ter tudo ou quase tudo

Mas a liberdade, que deveria andar de mãos dadas com a felicidade

Não está à venda

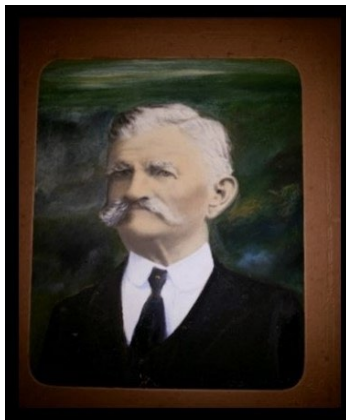
Tenta-se conquistá-la no dia a dia

Conseguiremos?

Depende de você e do seu próximo

Da solidariedade humana

Alfabetização de Adamo Tomasini e familiares



Adamo



Lucia

Luiz Tomasini em sua obra denominada “Genealogia da família Tomasini”, página 12, terceiro parágrafo, cita o seguinte: O casal Adamo Tomasini e Lucia Tomasini, desembarcaram em Porto Alegre no dia 4 de setembro de 1876. Ele nasceu em no ano de 1805 e aqui chegando com 71 anos. Ela nasceu no ano de 1919 e chegando com 57 anos, junto com seus 4 filhos, todos analfabetos e católicos. Não há referências sobre se esposa Lucia Tomasini, era alfabetizada.

No documento do Arquivo Municipal de Caxias do Sul (cópia anexa), no número 994, consta que Adamo Tomasini, “não lê”, o que comprova o afirmado por Luiz em sua obra. Certamente é possível encontrar referências aos 4 filhos e a esposa de Adamo.

991	185	Tommasini Cesar	31	Casado	"	"	Austria	45	"	"	"
992		Mariana, sua muther	25	"	"	"	Sab. da Italia	"	"	"	"
993		Rodolfo, seu filho	1	"	"	"	Brasil	"	"	"	"
994	186	Tommasini Adamo	28	"	"	"	Italia	47	"	"	1
995		Lucia, sua muther	55	"	"	"	"	"	"	"	"
-	-	- agregados -									
996		Fruct Bilal	43	"	"	"	Sab. da Austria	"	"	"	"
997		Maria, sua muther	40	"	"	"	"	"	"	"	"
998		Maria, sua filha	10	"	"	"	"	"	"	"	"
999		Angelo, " "	7	"	"	"	Brasil	"	"	"	"
1000		Severo, " "	4	"	"	"	"	"	"	"	"

Reflexões sobre felicidade



O que é felicidade em cada fase da vida?

Há um tipo de felicidade para cada fase da vida?

Nenê

Para um nenê pode ser barriga cheia e bunda limpa.

Jovem

Para um jovem pode ser belas mulheres, muita grana e pinto duro.

Pessoa madura

Para uma pessoa madura pode ser a estabilidade familiar e um bom emprego.

Idoso

Para um idoso pode ser um dia sem dor e sem molhar as calças.

Tudo é relativo.

E, importante, problemas para ser feliz sempre existirão, só mudam conforme a fase da vida.

Urubu Chico



Fui com meu irmão, num ferro velho, dar uma olhada em coisas antigas, num proprietário que juntava antiguidades no lixo. Compramos algumas coisas bem interessantes.

Feito o negócio saímos para caminhar na rua e este nos disse: conhecem um urubu? Não, respondemos.

Então ele começou a gritar Chico, Chico e um urubu que estava voando, começou a descer lentamente, até que pousou a uns 10 metros de nós. E ali ficou. Ele estava acostumado com o chamado de Chico e era respeitado pelos moradores locais.

Voltamos lá para comprar mais antiguidades e perguntamos pelo Chico. Disse que denunciaram à Brigada Militar que estava sendo “judiado” e o levaram para o aviário da Universidade de Passo Fundo. Demorou um mês e morreu. Havia perdido a liberdade.

Comida não faltava. Faltava a liberdade. Deve ter morrido de tristeza e solidão.

O churrasco, o padre e o “corte especial”



Era o ano de 1964. Estava em Ilópolis para dar umas aulas de reforço para dois primos, como preparação para o vestibular de agronomia.

Domingo: festa. Não me lembro do local, sei que era perto da igreja.

Havia sido apresentado ao pároco e este me convidou para sentar ao seu lado. Ele, como autoridade máxima, estava na cabeceira da mesa.

Havia um servidor de churrasco que sempre trazia um espeto caprichado para o padre dar o primeiro corte. Assim sucedeu por diversas vezes.

Lá pelas tantas, notei que o gringo veio com um espeto meio diferente e perguntou para o padre: aceita padre? SI, SI....Este tirou uma linda lasca e mastigou com vontade.

E o gringo não saía do lado. Ficou ali parado e notei que estava com uma cara diferente. De gozador.

De repente, perguntou alto: e daí padre estava bom o pedaço???

Resposta: BOM,...BOM....

E o gringo, falando bem alto, disse: quer dizer que o padre gosta de um bago de touro?? Sacanagem...

Janta em grupo



Estávamos em Fortaleza num congresso. O presidente da Embrapa também estava, juntamente com sua esposa que tinha uma escola lá.

Como sempre, alguém sugeriu, vamos jantar em grupo. Beleza, vamos lá.

Foram uns 20 participantes e a esposa do presidente, que conhecia um ótimo local.

Fomos e era um restaurante na forma de um castelo, com diversas armaduras no corredor. Senti medo da conta.

Já na entrada vi um magnífico buffet de frios, coisa de primeira linha. Gostei.

Bem todos sentados na mesa, e com diversas garrafas de vinho francês na mesa, para quem quisesse. Uma bem na frente da senhora.

Pensei, num grupo grande como esse, muito difícil ter conta individual. Soma tudo e divide.

Bem, me servi do que tinha de frios e saladas, muito queijo e frios importados. Já era quase uma janta.

Para jantar solicitei um prato de carne.

Os demais colegas pediram pratos de sua preferência, e refrigerantes.

Hora da conta. Não deu outra, soma tudo e divide.

Um colega, brabo, disse que tinha pedido um prato de baixo custo e que estava pagando pelos pratos mais caros dos demais.

Disse-lhe, na próxima tu aprendes, jantar em grupo é isso.

Viagem de navio

Chimarrão a bordo



Viajar sempre é bom. Todos temos nossos sonhos. Para os habitantes do Rio Grande do Sul, para os gaúchos, os roteiros tradicionais, normalmente são praias de Santa Catarina, do nosso litoral ou para a região da serra gaúcha. Não faltam opções, que são escolhidas normalmente pela possibilidade financeira.

As lindas praias do Nordeste, são longe e caras. Só em excursão ou agências de viagens.

Enfim, tendo disponibilidade financeira o mundo está a seu dispor.

Mas quem não sonha numa viagem de navio, destes grandes com capacidade de 3.000 passageiros? São cidades flutuantes.

Além da viagem marítima e da sensação de estar num ambiente totalmente novo, com horários diferentes dos seus no dia a dia de sua casa, há hábitos que são inesquecíveis, como o chimarrão matutino.

Na bagagem eu e Lizete levamos cuia, erva-mate e térmica. Achamos uma mesa a com vista para o mar e ali, tranquilos, ficávamos mateando. Normal.

Num navio que saia via Santos, havia uma grande quantidade de passageiros não brasileiros.

Era difícil alguém passar e não olhar o que estávamos chupando com aquele canudo de metal e com um chá verde. Sabe lá o que imaginavam. Nós nos divertíamos olhando os que nos olhavam,

Mortos de fome e a carne insonsa



Quem não gosta de uma “boca livre”? Ainda mais se você pagou pela alimentação a bordo e, melhor, é à vontade. Comidas com boas saladas, o tradicional bacon, massa, muitos etc...

Já com o prato meio cheio de pegar tantas opções, no fim da fila, tinha uma maravilha: carne de gado bovino, a vontade, um enorme pedaço.

O servidor dava um pedaço razoável e o passageiro, pedia mais, pois era uma “boca livre”.

Eu pedi um pedaço normal e vi que não tinha gosto algum. Para meu gosto parecia uma carne cozida. Mas, tinha que ver, a quantidade de pessoas que iam repetir.

Não era por fome, era por gula mesmo.

Janta com o Capitão



Num navio de passageiros de grande porte, é normal que numa das jantas, o capitão compareça com uniforme de gala e cumprimente os convivas. Muitos ainda tiram uma foto com o Capitão. Boa lembrança, ainda mais se ele for um bonito. Afinal, ilusão não mata ninguém.

Mas, num navio tudo tem horário. Se você é da primeira ou segunda turma da janta, tem um horário limite para chegar. Atrasou, não entra, devido a sistemática de solicitar seu prato ao servidor da sua mesa.

Já havia encerrado a entrada do primeiro horário e chega um casal querendo ir para a sua mesa, previamente designada. O recepcionista, diz que não podem entrar, porque além de atrasados os pedidos da mesa já estavam feitos.

Disse o casal que haviam pago a janta e iriam para a mesa. E forçaram a passagem e sentaram nos seus lugares.

O recepcionista chamou o servidor da mesa e disse: não aceite nenhum pedido daquele casal, Depois de algum tempo os “bem educados” foram embora e souberam que nem na segunda turma poderiam ir, pois os lugares

já estavam preenchidos. Mas poderiam comer na lancheria geral, que fica aberta 24 horas, o que quisessem.

A mulher gorda e o vaso sanitário na mesquita



Na programação de passeios do navio havia uma parada em Istambul. A primeira parada era numa grande mesquita, onde os fiéis muçulmanos tinham inúmeras torneiras para lavar os pés. Para entrar os turistas tinham que tirar os calçados e colocar um plástico nos pés. As mulheres tinham que colocar um lenço. Belíssimo templo e lindos tapetes.

Mas antes de entrar as pessoas podiam ir aos banheiros destinados aos visitantes. Havia uns 20. Tudo normal.

Acontece que uma senhora muito gorda, uns 120 quilos, pediu a suas acompanhantes para leva-la a um banheiro.

Abriram a porta e desagradável surpresa. Não tinha um vaso sanitário com assento e sim um sanitário baixo, cimentado no piso. Mesmo que suas acompanhantes conseguissem abaixa-la para fazer sua necessidade, não conseguiriam levanta-la, devido a seu peso.

Resolveram procurar algum lugar com vaso sanitário normal. Não sei onde foram, mas deve ter sido difícil de encontrar. Só sei que encontraram. A coitada deve ter sofrido muito.

Viagem no Canal da Mancha e a champagne

Sempre tive a curiosidade de viajar abaixo do mar. Estávamos em Londres e, em 19 de janeiro de 2021, resolvemos ir a Paris pelo trem que vai pelo Canal da Mancha.

De Londres à Paris, em menos de três horas, por 51 km sob o Canal da Mancha. O trem pode alcançar a velocidade de 300 km/h. Em 2019, o serviço transportou mais de 11 milhões de passageiros.



Lizete feliz



Compramos passagem na primeira classe e lá se fomos nós como duas crianças, encantados com a situação.

Após algum tempo aparece um “ferromoço” oferecendo champagne. Pensei. Deve custar muito caro e agradeci. Como todos pegavam perguntei? É grátis (it’s free). Resposta: yes.

Disse, “two glasses, please”. E daí descobrimos que primeira classe tem seus privilégios, mesmo a 73 metros de profundidade, no ponto mais profundo

O medo de parentes por causa de provável herança



Uma parente, que encontrei casualmente em Canal San Bovo, com a qual nunca consegui me comunicar ou ela não quis se comunicar comigo. Em 2013.

Não sei como é hoje. Era comum você tentar falar com pessoas do mesmo sobrenome e ser recebido com desconfiança. Com um primo aconteceu esta situação e hoje são grandes amigos.

Eu e Lisete chegamos em Canal San Bovo, perdidos na pequena cidade, de ônibus, onde não tem serviço de taxi. Estava tentando ligar para o

hotel, quando uma simpática senhora conversou conosco e surpresa, tinha o sobrenome Tomasini. Nos abraçamos e ela ligou para o hotel, que enviou um carro. Dei todos os meus dados, endereço e e-mail. Pedi seu email e endereço que ela ficou de enviar. Nunca enviou, apesar eu de ter mandado vários email.

Deve ter pensado: e se este cidadão tiver direito em alguma propriedade dos Tomasini na cidade ou região? Melhor ficar quieta.

Com meu filho Sergio e esposa, em 2014, aconteceu algo pior: estavam visitando um cemitério e tirando fotos de túmulos com o sobrenome Tomasini, quando conheceram um casal de idosos. Conversaram e estes os convidaram para um café na casa deles. Estavam tomando café, quando de repente, chegaram 3 carros com parentes dos idosos e já foram perguntando o que estavam fazendo ali. Super desconfiados daqueles estranhos. Golpe ou buscando algum direito a alguma herança?

Sergio teve que explicar o porquê de estarem ali.



Tomasini é com S

O real sobrenome dos ancestrais que vieram da Itália, pode ser constatado nos túmulos da região de onde veio Adamo Tomasini. Meu filho Sérgio, em 2014, visitou dois cemitérios próximos a Canal San Bovo, e só encontrou túmulos com ancestrais Tomasini, com S

A pronuncia de Tomasini, normalmente induz a pessoa a pronuncia-lo como se fosse com "z".

Na minha certidão estava com "z" e teve que ser corrigida via judicial.

Lembro-me que no cartório de Canal San Bovo, localizado junto a Prefeitura, tentei localizar a certidão de nascimento de Adamo Tomasini. Localizei a de outros parentes, mas não a dele, apesar de estas documentações, estarem bem armazenadas e pudessem ser encontradas com tempo. Em certidões de nascimento, que consegui no Cartório de Canal San Bovo, todas tinham Tomasini, com S, datadas de 1849,1855 e 1887.

Em 2013, o cemitério antigo de Caoria, pertencente a Canal San Bovo, foi totalmente destruído pela guerra entre Itália e Áustria. Vi as fotos e o novo não tem nada a ver no velho, apesar de ter sido construído no mesmo local. No Museo Storico há fotos do cemitério destruído.



Tentando falar com o padre em quatro línguas



Em Canal San Bovo, Itália, na Prefeitura, funciona um cartório onde, com tempo, pode-se arrumar cópia de certidões de nascimento e falecimento. Consegui várias cópias de sobrenome Tomasini, mas não a que queria, a de Adamo Tomasini, meu tataravô. Estávamos com pressa e o atendente, muito gentil, tirou três cópias de Tomasini, nascidos em Caoria, de donde saiu Adamo Tomasini e família.

Resolvemos ir à igreja falar com o padre, para ver se ele tinha algo escrito em seus livros, como batizados, casamentos, falecimentos.

Eu e Lizete tentávamos nos comunicar com o padre e não conseguíamos. Tentamos expressar nossas intenções numa mistura de português, inglês, italiano e espanhol. Nem nós nos entendíamos.

Chegou um ponto em que o padre disse, falem só em português que eu entendo melhor. Saímos da reunião sem as informações que buscávamos e o padre ficou de nos enviar algo. Até hoje estou esperando.

A “feira livre” de Veneza

Para visitar esta feira, ao sair da linda ponte de Rialto, vira-se à direita. Este mercado fica logo após o local das frutas e legumes e só está operacional durante as manhãs.

Neste local se encontra uma fantástica variedade de peixes e demais frutos do mar. Também frutas e vi um feirante limpando lindas alcachofras. La conheci lindas anchovas ao natural.

É um ponto turístico obrigatório.



Ponte de Rialto-Veneza

Feira de vegetais, frutos do mar



Degustação de vinho em Bordeaux-França



Ir a Bordeaux é um sonho do tomador de vinho francês. Tem visitas guiadas, desde que se chegue cedo para se registrar. Há épocas eu que há uma enorme quantidade de turistas e tudo está lotado. Conseguimos reservar uma visita a um castelo, “Chaetau de Taillan”. Nos indicaram um ônibus e para descer num determinada parada. Lá chegando fomos recebidos por uma proprietária do local, que não tinha nada que já não tivéssemos visto nas vinícolas gaúchas. Nos ofereceu um pequeno copo com um vinho que estava a venda e cobrou um euro por alguns mililitros.

Bem turismo é turismo, o vinho não foi surpresa, mas podemos dizer que visitamos um castelo e fomos atendidos por uma proprietária.

Voltamos e fomos passear na cidade.

Peças expostas no Palácio Ducal na Praça Veneza



O **Palácio** Ducal teve diferentes funções ao longo dos séculos, entre elas a de ser a residência dos Doges e centro do poder na Sereníssima República, além de prisão. Os venezianos comandaram boa parte do comércio do mundo.

Em visita ao Palácio há uma grande exposição de objetos da época, como bandeiras, armaduras, espadas, lanças, facas e armamentos com pólvora.

Um objeto que chama a atenção é uma calcinha denominada “cinto da castidade. Algumas tinham um cadeado. Dizem que foi nesta época que apareceram os chaveiros, por motivos óbvios a pedido de algumas damas, não tão damas.

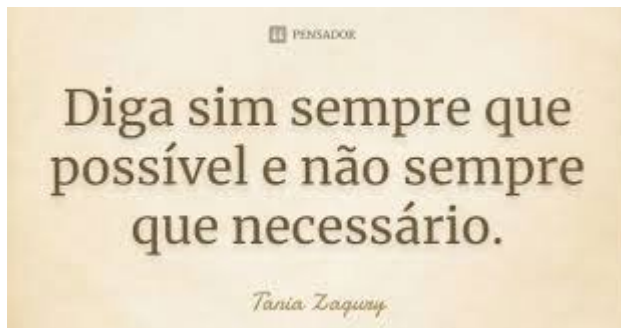
Tem muita imaginação para estas peças, mas algum veneziano deve ter mandado fazer uma para sua amada utilizar, enquanto ele viajava por longos períodos. Prevenção nunca é demais....

Porque a exporiam num museu onde tudo é autenticado?



Foto no museu do Palacio dos Dodge-Veneza

Sempre que possível



Sempre que possível

Você vê o noticiário e depois de meia hora de conversa mole, ou a apresentadora diz, com a maior cara de pau “sempre que possível,” retornaremos ao assunto, daremos uma notícia concreta, sempre que possível retornaremos à sua pergunta, bla, bla, bla.

Não me lembro de quando começou a ser usada com mais intensidade. Acho que foi durante a pandemia, em que ninguém sabia nada e nada queria dizer e se comprometer.

Uma maneira educada de enrolar o próximo.

Desconto de até 90, 50, 20%



Ler jornal é bom. Nos dá informação, nos enterte e nos faz inúmeras ofertas de coisas que queremos e que não queremos comprar.

Mas lá pelas tantas seu olho capta uma mensagem de alguma coisa com imagem chamativa e uma observação de desconto de até 20, 50, até 90%.

Amanhã vou dar uma volta e conferir estas ofertas.

Uma delas dizia, “desconto de 30% na compra de um determinado modelo de carro e aceitamos seu carro usado”.

Lhe interessou. Manda limpar seu carro e vai na loja, pronto para sair com um zero, com vontade de sentir aquele cheiro de carro zero.

O vendedor lhe atende com toda gentileza e você lhe apresenta seu carro.

Lhe pergunta se tem mais de um ano de uso. Você diz, sim, tem três anos, mas tá zero.

Resposta: nossa oferta é somente para carros com até um ano de uso e em bom estado.

Decepção.

Você contesta: mas o anuncio não mencionava isto.

Vai fazer o que? Pega seu carro e vai para casa sentindo o cheiro de carro usado.

Mulher comprando carro novo?



Há uns 15 anos minha eterna companheira Lisete foi numa agencia, olhou um carro e gostou. Sequer entrou nele, muito menos andou e perguntou algo sobre motor, consumo, estas perguntas de homens. Simplesmente gostou e comprou. Encomendou um na cor que ela queria e ficou aguardando. Veio o carro e ela foi retira-lo. Um vendedor mostrou o carro, a elogiou e estendeu a mão com a chave para mim. Deixei-o com a mão estendida e disse, o carro foi comprado por ela, é dela. Entregue para ela e a cumprimente.

O inexperiente vendedor, machista, ficou sem o que fazer. Outros vendedores presentes se seguravam para não rir da cena.

Eram coisas da época.

Mulheres e seus sapatos



Eu estava sentado numa mesa na entrada do supermercado Bourbon de Passo Fundo, quando entrou uma mulher, meia idade, empurrando um carrinho, super apressada, como se estivesse disputado uma corrida de Fórmula 1.

Pensei, deve estar muito atrasada e vai fazer umas compras rápido e voltar para seus compromissos.

Ao entrar no mercado passou em frente a uma loja de sapatos e ao fazer a curva a uns 40 km/hora, o rabinho esquerdo do seu olho viu algo e imediatamente seus pés frearam, deu marcha a ré e entrou na loja.

Pensei, vai dar uma olhadinha e vai fazer suas compras urgentes. Fiquei observando.

A atendente começou a trazer sapatos e mais sapatos. Depois, sem comprar nada, pegou seu carrinho novamente e saiu a toda velocidade.

Mas saiu feliz. Por 30 minutos seus pés estiveram no paraíso, experimentando sapatos novos.

O Retorno às origens



Edelweisse e Canal San Bovo em 1983

No reino animal muitas espécies, ao menos uma vez no seu ciclo de vida, migram de suas áreas de origem, vivem em outros lugares e voltam muitas vezes para morrer no berço inicial. As aves, as borboletas, os salmões são exemplos. Porque com o homem seria diferente? No nosso íntimo sempre existe aquela curiosidade, de onde vim, como eram meus antepassados, como era a terra de minhas tataravós? As crescentes reuniões de família, seja qual for a nacionalidade, é prova desta vontade.

Poucos tem condições econômicas e culturais para tanto. Há vários anos tinha a tentação de visitar a terra em que Adamo Tomasini e seus familiares tiveram que deixar para poder sobreviver.

Lá chegando foi difícil dominar a emoção de estar na localidade de Caoria, pertencente ao município de Canal San Bovo, pisando a terra que tiveram que abandonar em 1875. **No meio dos Alpes Dolomíticos, entendi porque sempre gostei de área de montanha.**

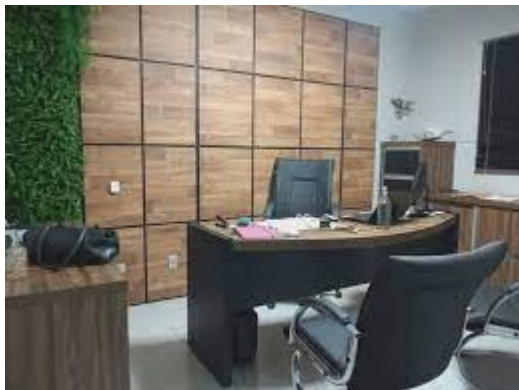
Diversas são as lendas sobre uma flor, conhecida, por Edelweisse :é um “Símbolo do Amor” isto porque muitos rapazes escalavam os Alpes, arriscando a vida para colhe-la e presentear à amada. Talvez quem sabe o tataravô Adamo tenha escalado uma montanha para levar apara sua amada Lucia, uma linda flor Edelweisse. Quem duvida?

Edelweisse-Planta nacional da Áustria e da Suíça.



“Os cientistas acreditam que esta flor migrou da Ásia para os Alpes durante na Era do Gelo. Hoje, podemos encontrá-la em vários países alpinos de altas altitudes (2.000 a 3.000 metros)”.

Te chamaram da sala do General



Você está trabalhando num dia normal, numa tarefa normal.

Tudo em paz.

Te telefonam e dizem. O Secretário do Planejamento do Ministério da Agricultura mandou dizer que deves comparecer imediatamente no Departamento de Investigação do Ministério e se apresentar ao General.

Era no mesmo andar em que eu trabalhava e era uma ala temida, obviamente, por todos os funcionários.

Enfim, fui. Ordem é ordem. Me apresentei e me passaram para a sala do General que me recebeu cordialmente e rapidamente perguntou: você foi denunciado por estar dando aula na Universidade de Brasília-UNB no horário de expediente.

É verdade?

Disse, sim.

Tem como provar?

Sim, há um convenio assinado entre o Ministro da Agricultura e o Reitor da UNB e eu fui designado para cumpri-lo.

Me disse, traga uma cópia deste convenio e simplesmente deixe na portaria.

Ao sair, me surpreendeu dizendo: “esta denúncia foi de algum colega, burro, invejoso e incompetente”.

Reporter mentiroso



Uma das tarefas de um funcionário da assessoria de um Ministro é preparar matérias sobre algum assunto solicitado, que pode ser aprovado, modificado ou descartado.

Alguns você pode enviar para um jornal que pediu opinião sobre determinado tema. Uma regra básica é nunca colocar ideias no modo afirmativo e sempre na condicional. Alguns assuntos que hoje são verdade, amanhã podem não ser.

Um que deu problema era sobre carne bovina. O Ministro da Agricultura tinha divergências com o Ministro da Economia da época, sobre este assunto. Um repórter de um grande jornal pegou meu artigo e passou tudo do condicional para o afirmativo.

Alguém importante leu e falou protestando para o General Golbery do Couto e Silva, segundo homem mais importante do país, que por sua vez protestou junto ao Ministro da Agricultura.

Senti que minha cabeça ia rolar.

Tive que mostrar o artigo original que o repórter sensacionalista havia deturpado.

Tudo esclarecido, fiquei com a sensação de ter estado com a cabeça na guilhotina.

Mulher apavorada na estrada



Tio Frederico Denardi

Tio Frederico estava comemorando 50 anos de casamento. Os filhos estavam programando um festão. Ele por sua parte tinha feito uma barrica de vinho tinto e outra de vinho branco, expostas no meio do salão, para quem quisesse beber. Foram 3 dias de festa e foguete durante 2 dias. Música de banda e tenor cantando. Comida à vontade e de vários tipos. Um festão.

Ao final do terceiro dia, tinha que voltar pois tinha uma viagem programada para o México dentro de dois dias. Na época a estrada de Ilópolis até o asfalto era de terra e em alguns trechos de pura pedra. Muito ruim. 40 km.

Me disseram que em determinado local tinha um desvio a esquerda, numa estrada estreita no meio do campo de pastagens.

Achei o atalho e fui indo meio às cegas. Lá pelas tantas, vi uma pessoa caminhando na estrada e acelerei para perguntar se estava na estrada certa.

Ceguei perto e a mulher acelerou o passo, cheguei mais perto e perguntei onde estava. A mulher acelerou mais o passo. Cheguei bem perto e a pobre mulher desandou a correr com medo daquele desconhecido, naquele fundão de campo, sem nada por perto.

Vi que a coitada estava apavorada, acelerei e deixei-a para trás, até que cheguei no asfalto.

O que ela deve ter pensado?

De Mostardas pela areia até a praia de Cassino

Estava na casa da praia de Noiva do Mar e numa manhã disse para meu filho Sergio e sua namorada, vamos sair e ir até Mostardas comprar peixe fresco. Toparam.

Eu, prevenido, coloquei na caçamba da D20 uma bicicleta e 4 litros de refrigerante. Lá fomos nós pelo asfalto até a entrada para Mostardas, boa parte por cima da areia, o que não era problema para a tração nas 4 rodas.





La chegando, perguntamos por peixe e não havia nada. Mas disseram vá pela areia da praia e a uns 20 km tem uma vila e certamente lá deve ter peixe. Com receio fui indo devagar pela areia e nada de peixe na vila.

Disse, vou voltar. Me disseram, não. Vá indo pela areia até Cassino, sem problema.

Bom motorista, dirigindo sem calçado algum e sem camisa, pegando o vento do mar. Delícia.

Inicialmente a 60 km por hora e cuidando as ondas. Você pega confiança e logo está a 80 km/h, naquele “asfalto” sem buraco algum. Encontramos um navio afundado há muito tempo, o farol de Mostardas e um pescador rebocando sua rede com seu Jeep. Cheia de peixe e vendendo-os na hora.

Seguimos até Cassino, onde a D20 foi lavada para tirar o sal da viagem.

Viagem inesquecível. Sem igual.

Nossas praias são lindas.

De Rio Grande ao forte de Santa Teresa-Uruguai



Forte de Santa Teresa Uruguai

Férias.

Falei, vamos até Pelotas, e depois à Rio Grande. Fomos e constatamos que a uns 50 km havia um lindo forte histórico, na beira do asfalto que ia à Montevideo. Na aduana, tudo certo, menos com a Ana que não tinha carteira de identidade. Resultado, não nos deixaram passar.

Andando pela cidade, vi que poderia entrar por um atalho e entrei. Encontramos a Fortaleza, a visitamos com um guia e após descobrimos que poderíamos descer até um estacionamento a beira mar. Lindo.

Vamos voltar? Tentei ligar o motor e nada. Acontece que a C-10 estava equipada com um motor a diesel, reformado, de 80cv, de um trator CBT

1000. Como tinha duas baterias, uma descarregou e a outra não tinha força para virar o motor. O que fazer? Ligar de novo e rezar para que pegue. Pegou e me mandei lomba acima, onde teria mais recursos.

Na volta sempre parava numa descida para pegar no “tranco” e o Nando e o Sergio ajudando a empurrar. Chegamos a entrar na praia do Hermenegildo, que tinha tido problemas de peixes mortos, “maré vermelha”. Em Pelotas arrumamos o dínamo e tudo ficou ótimo.

Detalhe, em casa tinha uma linda Caravan a álcool, zero km. Todos brabos comigo.

Neusa e o Café Aquarius em Pelotas



Em Pelotas o Café Aquarius é famoso, por ser bom e por tradição, ser frequentado somente por homens.

Mulher, nem falar. Era normal às mulheres caminhar pelo outro lado da rua, somente para não ter que passar em frente ao café.

Tradição é tradição. Neusa, na época minha esposa, tinha uma tia que morava no mesmo prédio e lá dormíamos quando a visitávamos.

Uma tarde, o café estava cheio, Neusa colocou um vestido vermelho e me disse: vamos tomar um café. Entramos e todos olhavam quem seria aquela mulher que teve o atrevimento de entrar, sentar numa mesa e pedir dois cafés.

Garçom, cumpriu sua função e nos serviu. Todos olhando.

Jantar no Clube Comercial



Os jantares no Clube Comercial sempre foram ótimos.

Quando os pratos eram liberados para se servir, haviam longas filas, e era só questão de esperar um pouco para chegar sua vez.

Muitas pessoas, pegavam um pouco de tudo e ao final, lindas e apetitosas comidas amontoadas, mais pareciam um “prato feito” de restaurante barato.

Eu, gosto, segundo a tradição italiana, comer primeiro uma salada, apreciando o sabor, para depois pegar um outro prato de especiarias e ao final, pegar um prato de peixe ou carne bovina ou suína.

Um amigo, comentava que este hábito era confundido por alguns como “se paguei” me sirvo quantas vezes quiser.

Fazenda no Mato Grosso



Trabalhava em Brasília e estávamos fazendo uma viagem aérea no Mato Grosso e pousamos numa grande fazenda, na época dedicada à produção de gado. Era realmente grande e normalmente era abastecida pelo rio que a banhava. Na parte central, tinha até rua com mão e contra mão.

Era região de malária e tinha um hospital dedicado a homens e outro só para mulheres.

Todos os quartos tinham mosquiteiro devido aos insetos.

Como a área poderia ficar isolada devido a cheia do rio, tinha que ter um grande depósito de mantimentos. Antes de entrar o administrador nos disse: se avistarem cobras, no caso jiboias, não se assustem. São nossas caçadoras “ecológicas” de ratos.

Voo de planador.



As crianças gostam de fazer um avião de papel e lança-lo o mais longe possível. Adultos sonham em ser pilotos e acabam voando normalmente em aviões de verdade. Mas sonho é sonho. Como seria voar em um planador? Lá por pelo ano 2.000 eu e minha amiga Maria Teresa, fomos até Palmeira das Missões, onde havia uma escola de pilotagem de planadores.

Pagamos por voos deste avião. Teresa ficou maravilhada. Depois na minha vez, o piloto avisou que o dia não estava quente o suficiente para permanecer por muito tempo no ar. Bem vamos lá. A sensação de ser rebocado é excitante.

Você fica no assento da frente e o piloto fica atrás de você se comunicando. Ele me perguntou, vamos dar um pouco de

emoção no voo? Disse sim. O sacana deu um mergulho e senti que o estomago ia sair pela boca.

Não tem problema de cair, você é obrigado a usar um para quedas tão grande que só consegue tira-lo no chão.

Valeu a sensação.

Livro República dos Coqueiros



O jornalista Argeu Santarém em seu livro A República dos Coqueiros, narra vários casos por ele acompanhados.

Na Rua Moron, entre o Correio e a av. Gal. Neto havia um restaurante denominado O Maracanã.

Como instrumento de divulgação do restaurante, no telhado tinha um alto falante que era ouvido a distância.

Foram verificar porque havia silenciado e encontraram no mecanismo reprodutor um furo de bala. Chamaram a polícia

e o delegado olhou, olhou e viu que o tiro tinha vindo de cima para baixo e era do calibre 22.

Tudo indicava que tinha vindo do prédio da catedral e o calibre da bala indicava que poderia ter partido de uma arma do mesmo calibre pertencente ao arcebispo Dom Claudio Colling. Daí complicou a vida do delegado.

Conclusão sábia: foi uma bala perdida e não se fala mais nisso.

Mata de uma vez

Quem me contou, não quis assumir publicamente esta história.



Segundo a professora da UPF, Fabiana Tonial-FT da UPF

“FT- A gripe espanhola chegou no Brasil em setembro de 1918 e na cidade de Passo Fundo em fins de outubro de 1918. Os hospitais da cidade construíram pavilhões para isolar os pacientes acometidos pela pandemia”.

Meu informante conta que as pessoas tinham que ser sepultadas rapidamente, pois haviam muitas mortes no mesmo dia.

A prefeitura, de então, pagava duas pessoas, para levar os corpos numa pequena carroça a um cemitério. Rapidamente jogavam o corpo numa cova e numa ocasião o ajudante disse para seu chefe: ele ainda está se mexendo. Resposta, vai morrer logo, bate com uma pá na cabeça e termina logo com isso, temos que buscar outro morto.

Noutra ocasião estavam jogando terra num “morto” e ele disse, eu não estou morto. O chefe dos sepultadores, homem pragmático, disse que, se o doutor deu você por morto é porque você morreu.

Não discuta com o doutor e morra de uma vez.

O cemitério é seguro



Um pedreiro me disse que foi trabalhar num cemitério em Brasília e como o serviço era demorado, decidiu pousar lá juntamente com o vigilante. Lhe perguntaram, não tem medo? Resposta: não, o perigo está do lado de fora do cemitério. Aqui dentro ninguém incomoda ninguém.

Numa noite ouviram um barulho do lado de fora e foram olhar o que era.

Encontraram um "despacho", com um bode morto, uma caixa de cachaça e uma caixa de charutos.

O bode a gente deixou lá, mas a cachaça tomamos tudo e os charutos fumamos.

OPINIÃO

ZERO HORA
CAMPAFLAVOURA
04/10/96

A arma agrícola

ROQUE G. ANNES TOMASINI*

Quem assistiu à reportagem de televisão sobre a Guerra no Golfo deve ter ficado impressionado com o tamanho dos porta-aviões. Representam o poder de uma nação, via o poder das armas e da própria imponência do conjunto de aço e de tecnologia.

Quanto custa a manutenção anual dessa máquina de destruição, com 5 mil tripulantes? Cerca de US\$ 1 milhão por dia ou US\$ 365 milhões ao ano, em situação sem guerra.

Mas, afinal, o que o custo de manutenção de um porta-aviões tem a ver com a agricultura? Aparentemente, nada. Mostra que, para proteger seus interesses políticos e econômicos, uma nação necessita investir para protegê-los. Para conquistar o poderio militar, os Estados Unidos primeiro tiveram que conquistar o poder agrícola.

Por trás do poder agrícola está o poder do conhecimento científico, gerado pela pesquisa. Não sei qual o orçamento do governo americano e das outras instituições que trabalham na pesquisa agrícola. Certamente deve ser de vários bilhões de dólares.

O Brasil deve estar (semelhante) em 1996

ra de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, que tem 9,8 mil funcionários.

Não questiono se o valor é alto ou baixo para o Brasil. O importante é que, se quisermos ser uma potência agrícola semelhante aos Estados Unidos. Para chegar lá, certamente, teremos que investir ainda mais na geração de tecnologias agrícolas, via pesquisa oficial e privada.

No momento, somos uma nação em processo de desenvolvimento, que deve estar investindo em pesquisa agrícola menos do que os gastos americanos para manter dois porta-aviões.

Se o Brasil quiser passar para o clube das nações que comandam o mundo, terá que aprender a usar a arma mais poderosa que conta no momento: a arma agrícola.

E é bom não esquecer, produzir alimentos sem destruir o meio ambiente, procurando adequar-se às normas de ISO 14.000, a nova arma dos compradores para derrubar preços e para os competidores tirarem nossos mercados.

* Analista e pesquisador da Embrapa/CNPQ

res

nado nos trato-
no. Os tratores
em tinta à base
de vantagens e
de uma par-
amenta a resis-
e cor e brilho..
da SLC -John
bilidade. "Isso
mor na hora de
da vida útil da

nativa

DIVULGAÇÃO/ZH



a tropicais

resta Amazô-
ar econômica-
florestas tropi-
madeira pode

Conto de amor

Em termos sentimentais não posso me considerar um exemplo. Sempre fui muito técnico, olhando as coisas do mundo e pensando e escrevendo sobre elas.

Muito ligado às realidades da vida, da natureza. Pouca influência amorosa do pai e da mãe, a não ser honestidade e respeito ao próximo.

Olhando a vida lá atrás, bem lá atrás, por volta de 1800, encontro a resposta a alguns porquês desta maneira objetiva de ver a vida.

Meus antepassados eram austríacos, vivendo numa área ao norte da atual Itália, no Tirol e que na época, além de ser área pertencente a Áustria, tinha uma forte influência alemã. Sobreviver não deveria ter sido fácil. Trabalhar, trabalhar, senão morrer de fome e de frio. Pouco ou nenhum tempo para amar.

Eram bons pais, tendo vários filhos, por desconhecimentos biológicos e pela necessidade de mão de obra para a manutenção e crescimento das pequenas propriedades.

Em suma, amavam seus filhos a maneira da época e eram bons provedores. Não havia muito tempo para dar carinho a seus filhos, como hoje é normal. Mas e a mãe de seus filhos? Como a escolhiam? Se é que escolhiam. Ou as famílias faziam acertos, e ele e ela tinham que aceitar.

É muito pouco provável, que na cultura da época, a mulher pudesse tomar a opção de escolher morar sozinha ou ir viver com outro homem. Se o marido morria, aí sim havia a possibilidade de viver com outro homem, por amor ou para simplesmente sobreviver.

Nascemos, crescemos e morremos. É a vida.

Se ficamos sós, ou é por separação, ou é por viuvez. A vida é um recomeçar, principalmente para as pessoas de mais idade.

É muito mais difícil. Não temos mais o ímpeto amoroso de jovens de 18 anos, em que é a paixão e não a razão, que domina nossos sentimentos. O casal pode mais tarde vir a se separar, ainda mais se os dois forem financeiramente independentes.

Mas, sempre há um, mas. Após, digamos os 65 ou após os 75 anos, como encontrar um novo amor? Há pessoas que se adaptam morar sós.

Outras não, não por sexo, mas pela companhia, de conversar, juntos fazer refeições, de caminhar na rua de mãos dadas, de ir a um barzinho.

E porque não, ir num motel e ver se rola algo? Se rolar, não se entusiasme muito. E maravilha, talvez sem azulzinho algum, ao natural.

No meu caso, viúvo há 5 anos, para combater a solidão convivi com algumas mulheres, boas pessoas, mas não rolava um clima de amor e sim de boa amizade. Eu buscava uma companheira de verdade. Mas não encontrava.

Não é fácil recomeçar a vida com 75 anos. Mas não é impossível.

Este é o desafio da palavra amor, pode demorar, mas um dia ele vai te achar.

Viva, seja feliz e nunca desanime.

O baile lá para os lados de Putinga-RS



Fim de semana. O que fazer?

Alguém informa: tem um baileco lá pros lados de Putinga.RS,

Em meia hora lá se ia uma Kombi lotada de uma rapaziada cheia de amor para dar.

Numa estradinha que tinha mais pedra do que terra, finalmente chegamos ao local. Surpresa, o pneu da Kombi estava totalmente esvaçalhado. Havia furado há muito tempo antes da chegada, só que o motorista já havia saído com o tanque cheio “dele” e o da Kombi. Milagrosamente não descemos nenhum perau.

O salão era uma construção de madeira simples, sem energia elétrica. O conjunto musical estava localizado numa espécie de estrado a 1,5 metros do piso. Perguntei por quê? Porque em caso de briga os músicos e seus instrumentos estariam mais protegidos...

Vamos às danças. Salão lotado. Cada um tentando uma volta no salão com a guria que mais lhe apetecia ou que conseguia pegar. A luz provinha de um lampião, creio que de querosene, com pressão. Com o tempo diminuía a pressão e a luz enfraquecia cada vez mais. Além disso, como havia chovido, o barro dos calçados ia secando no piso e levantando um

pó. A gurizada, aproveitando a chance, puxava as gurias para um corpo a corpo mais apertado.....Nem todas protestavam....

O dono do salão, nestas ocasiões, parava a festa, jogava uma água no piso para fixar o pó e dava pressão no lampião. Consequência? Meio metro de distância entre os pares...

De repente alguém anunciava: agora **“peça de dama”**, ou seja, agora as gurias escolhem os rapazes com que querem dançar. Aquelas que estavam a noite inteira “encalhadas”, à espera do príncipe encantado, corriam para aproveitar a chance. Alguns “covardes” fugiam para fora do salão....

Fim de baile: hora de ir para casa.

Última chance de namorar um pouco e talvez algo mais....

Na Kombi iam só dois casais. Afinal o motorista gostava de privacidade...

O restante ia caminhando pela estrada embarrada, prometendo juras de amor e tentando pegar a mãozinha e o que mais fosse possível...

Lembro-me de um parente que estava com uma gringa reforçada. Juro: o braço superior era mais grosso e forte que perna de jogador de bola profissional. Ele, magrinho, cheio de amor para dar, tentava dar um abraço (talvez até um amasso....). De repente, naquela noite fechada só se ouvia um grito. NOMMMM. Ao mesmo tempo, gentilmente, a senhorita dava um “pequeno” empurrão que jogava o infeliz acompanhante, patinando no barro, lá do outro lado da estrada....

E eu? Juro que estava só conversando com uma gringa sobre coisas da lavoura...

Viagem a Manaus



Conhecia quase todo o Brasil, mas não Manaus. Perguntei para Lizete se queria conhecer. Sim. Então vamos lá.

Como tinha milhas de viagem sobrando, solicitei duas passagens pelo Smiles, no trajeto Porto Alegre, São Paulo, Manaus.

Tudo certo. Certo? Dias antes do embarque emitiram as passagens, modificadas, saindo de Porto Alegre, fomos pela fronteira oeste, num pinga. pinga de uns 8 pousos.

Ruim? Nem tanto, a cada decolagem ganhávamos um pacote de bolachinhas.

Enfim, chegamos num calor infernal e alta umidade.

Numa cidade totalmente desconhecida, o teatro de Manaus é visita obrigatória.

As bases deste teatro foram feitas com pedras francesas, trazidas como lastro nos navios que vinham buscar borracha. O teatro em Fortaleza também tem o mesmo tipo de pedras.

O mercado dos peixes é outra visita obrigatória, pela imensa variedade de peixes, uma delas é o filé de Pirarucu.



Mercado do peixe-Manaus

Filé de Pirarucu



Visita a uma área com vitória regia é algo imperdível



Todas cidades são iguais, com as típicas feiras

De Não Me Toque para a Agencia Ford de Passo Fundo



As coisas eram mais simples em outras épocas. Onde hoje é uma agencia da Sicredi, na Rua Gal. Neto, antes era a Agencia Ford.

Quase todos os sábados, o ônibus que vinha de Não Me Toque, parava ali para entregar uma cesta para a família Augustin, enviada pela avó da Lizete.

A lista era longa: cuca, bolachas, pão, linguiça, salame, schmier, geleia, ...

Era uma festa.

Hoje seria impossível este ato de interação com famílias de distintos municípios. Impossível mandar pelo ônibus ou pelo WhatsApp.

Viagem pela Argentina



Nosso carro “comprado” em Balcarce, no museu Juan Manuel Fangio

Lizete era orientadora de um trabalho de conclusão de curso e como o aluno estava estagiando numa empresa Argentina no município de Balcarce, acompanhei-a nesta viagem. Saindo de Buenos Aires, a viagem dura umas 2 horas num bom ônibus.

Belas imagens de áreas agrícolas, mas, de repente senti necessidade de ir ao banheiro. Fui e o assento sanitário era muito alto, para pessoas com 1,90 m... Tinha até uma escadinha para os baixinhos.

E pior, o motorista devia ser um ex-piloto de Fórmula 1. Viajava a 120 km/h e nas curvas diminuía para só 90 km. Como a estrada tinha muitas curvas, você não tinha chance de sentar no vaso sanitário. Até para urinar era difícil, pois não dava para fazer pontaria.

No desespero você dizia para você mesmo. Te segura gaúcho.

Ambulância da Expodireto: de Não Me Toque à Passo Fundo-RS



Fui à exposição da Expodireto em Não Me Toque (1992) de carona com minha filha. Eles foram fazer um trabalho e eu fui olhar os stands de máquinas agrícolas.

Estava um dia quente, e caminhei uns 500 metros, com chapéu. Notei que não estava me sentindo bem. Minha filha me encontrou e disse que eu estava caminhando torto, com dificuldade. Disse, estou desidratado e me alimentei mal de manhã.

Almocei e me hidratei. Melhorei um pouco e acabei indo à área de socorro médico da Expodireto. Muito bem atendido e as enfermeiras já me enfiando umas agulhas como preparativo para uma intervenção médica.

Atendido pelo médico, este olhou para mim e disse: tens que fazer imediatamente um exame médico (não me lembro qual) em Passo Fundo.

Disse a ele que voltaria em seguida com minha filha e ele prontamente disse, não. Vais voltar na ambulância, que já está te esperando. Eu disse, mas estou bem.

Ele disse, podes ir entrando, e minha filha disse que iria junto comigo.

Não gostei de andar deitado, com uma agulha no braço, injetando não sei o que.

Chegando no Hospital de Clínicas, levado ao quarto, nesta altura com meu filho e minha filha, me cuidando, até que fiz o tal exame e que não acusou nada da suspeita do médico.

Na próxima ida à Expodireto, irei bem alimentado e me hidratarei bem.

O que é um “agricultor”?



Produtor



agricultor

Hoje, podemos, genericamente, chamar de “agricultores” quem planta grãos e que tem sido responsáveis por esta fantástica evolução da área plantada.

Historicamente não passaram, nos últimos anos, de incorporadores de áreas de campo ou mata, para algum produto agrícola.

A grande parte dos agricultores, principalmente nas áreas incorporadas ao plantio nos últimos anos, estão na mesma fase dos jovens, que estão entrando numa fase, que podemos denominar, de “adolescência agrícola”.

Plantar, adubar, colher. Aumentar a área plantada. Plantar, adubar, colher. Ano após ano, até que o modelo e as tecnologias de uso do solo não respondam às necessidades futuras, do produtor e do país.

“Agricultor” significa muito mais. É alguém que está literalmente integrado com a vida do solo, para plantio e preservação da mata ou seu

replântio, sua dinâmica e sua evolução. De suas consequências para si, para a sociedade rural e a urbana.

Olhando o futuro, quem cultiva a terra deve evoluir da condição de “agricultor”, para a fase de “produtor”. Em um futuro próximo, quem utilizar a terra para produzir algo, para sobreviver, terá que entender o que se passa com a sua terra, com a vida da sua terra. Terá que ser um cientista rural.

Plantar e colher, significa adotar uma série de tecnologias visando um produto final. Esta é uma fase primária do processo produtivo. Pode ser realizada pelo proprietário e/ ou seus empregados, ou por uma máquina programada, com a tecnologia da inteligência artificial (IA). Mas, para que a propriedade progrida e aumente o teor de vida de seu solo, o produtor tem que entender a linguagem secreta da vida do solo e de todos os seres vivos que nele vivem

As análises do solo, além do conteúdo atual, deverão mostrar o complexo de vida que nele existe. Em diferentes níveis de profundidade, em seres macro e microscópicos. A EMBRAPA já realiza pesquisas que dão uma ideia da vida do solo.

As futuras análises do solo deverão ser muito mais amplas que as atuais de conteúdo de NPK e micronutrientes. Deverão demonstrar a vida que existe neste solo, na superfície e nas camadas inferiores. Assim terá informações que o ajudarão a evoluir de “agricultor” para “produtor”.

Solo e vida



Exemplo de micélio

A adubação com adubos comerciais (NPK), é semelhante a uma transfusão sanguínea a um doente, o efeito não é para sempre, tem que ser renovada. O aumento dos seres vivos no solo, do micélio, e da adição de pó de rocha, não é imediata, mas certamente será a alternativa mais ecológica para a sustentabilidade, a longo prazo, do solo e dos agricultores.

No substrato da terra há uma fantástica vida de insetos e fungos, que interagem e que dão suporte ao que nela for plantado. A vida do solo, na superfície e nas camadas inferiores, tem um sistema de comunicação. No filme “Avatar”, exibido em 2009, fica evidente que as árvores tinham um sistema subterrâneo de comunicação e que, pelos bilhões de seres vivos, de micélios, entre elas, mantinham sua vida saudável e/ou passavam a informação de que estavam sendo atacadas.

As mudanças genéticas naturais eram uma das bases da “vida” existente naquele planeta. Fica a pergunta? Porque não trabalhar na engenharia genética dos componentes do micélio do solo, neste planeta chamado Terra? Porque depender, essencialmente, dos denominados adubos químicos?

Esta pergunta tem que ser respondida pela EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, e Centros de Pesquisa Estaduais e Universidades. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, deveria colocar o estudo de micélios nas áreas de lavoura como área de pesquisa prioritária, para o futuro da agricultura.

Conversas de dentista



A seringa

Maravilha.

Ir no dentista é inesquecível.

Por infinitas razões. Você adora. Te levam a força. Tê ligam dizendo que já fazem 5 anos que você desapareceu e por aí vai.

Bem afinal você entra na clínica odontológica. Te recebem com amplos sorrisos e abraços. Que saudades. Como você está bem.

Vamos passar e caminham até a sala. Sente-se e você, sem alternativa, senta.

Gentilmente te perguntam: estás confortável? Confortável?

Digo que sim, mas na verdade estou já ouvindo quela broca, fazendo zum mm, zum zum.

Está bem, abra mais um pouquinho a boca.

Daí você começa a falar a língua dos dentistas, lhe perguntam algo e você: Ham, ham, ham.

Lhe perguntam algo e para responder você balbucia: Hum, hum, hum.

Você está tentando conversar consigo mentalmente e dizer, vai parar logo. Socorro Nossa Senhora dos Dentistas.



Mas só no cinema existem aquelas máquinas maravilhosas que encostam nos seus dentes e você fica anestesiado.

Aqui é a moda antiga, um imenso tubo de vidro com uma agulha imensa.

De repente você ouve palavras de terror, precisamos anestesiar.

Só uma picadinha. Não vai doer nada. Pobre gengiva, é dilacerada com a imensa agulha.



Mais terror: para anestesiar bem, só mais umas picadinhas.

Juro que uma picadinha, atravessou a mandíbula e a saiu pela bochecha.

Daí te perguntam: estás confortável?

Calma, vai passar logo.

Depois mais zummm, zummmm. Finalmente, palavras maravilhosas. Está terminado. Ficas feliz e dizem: por hoje.

Semana que vem tem mais.

Discurso de jubramento da UPF-23/11/2.015



Senhor Reitor, Vice-reitores, Vice-reitora

Membros do Conselho Universitário

Diretores de curso, professores, convidados

Coube a mim dirigir algumas palavras em nome dos colegas jubilados.
Tentarei merecer esta honra.

Há alguns documentos básicos na nossa vida:

1-Certidão de nascimento e, ainda é cedo, de óbito.

2-Na área de bens materiais a lista é infindável (casa, automóvel, imposto de renda, IPVA, IPTU,...)

3-Em relação a formação profissional (principalmente para os mais antigos.)

Exame de admissão, conclusão do ginásio, científico, normal,

Diploma de conclusão do curso universitário, mestrado, doutorado, MBA, ...

4- Para os mais antigos, bom lembrar, há certidão de casamento.....

5-Chega de papel. Chega a hora de crescer profissionalmente, de contribuir para o crescimento da pátria.

6-Há vários caminhos e, entre estes, o sacerdócio da educação.

7- Mais um papel: a assinatura do contrato de trabalho, como professor, no nosso caso como parte de um grande projeto educacional, chamado UPF.

8-Ao longo da caminhada na UPF, como em tudo na vida, ocorreram grandes momentos de convivência com os alunos, colegas, funcionários e, em alguns momentos, momentos não tão bons. Normal.

9-Os anos vão passando, os cabelos dos homens branqueando. Menos os das mulheres, que por algum milagre genético, ou laboratorial, mudam de cores e até adquirem luzes....

10-De repente, 70 anos e chega o jubileamento.

11-Momento de alegria. Jamais de tristeza.

12- O sentimento do dever cumprido ou ao menos a consciência de que tratamos de transmitir conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

13- A vida segue



Camboriú

-Alguns na sua profissão;

-Outros vão para Camboriú, Itapema, Floripa...;

-Outros iniciam novos caminhos, sempre visando manter a mente aberta para os desafios deste mundo em rapidíssima transformação;

14- Já há algum tempo iniciamos a fase dos “ex alguma coisa”.

15- E agora, na verdade, apesar de jubilados, continuamos na UPF. Onde? No arquivo morto do Setor de Recursos Humanos.

16-O que ficou nas nossas vidas em relação a UPF?

-O amor pela instituição;

-A amizade dos colegas;

-A torcida por uma UPF cada vez maior e melhor.

17- Para encerrar uma frase que há muitos anos li num museu na província de Corrientes:

“se os argentinos forem a guerra e não estiverem se saindo muito bem, os correntinos irão socorrer-los”

18- Tradução

Cabem aos que ficam a luta diária pela instituição. Temos certeza de que se sairão melhor do que no nosso tempo.

Todavia, se necessitarem ajuda, a exemplo dos correntinos, estaremos a disposição para ajuda-los. Afinal somos uma família e família unida vence.

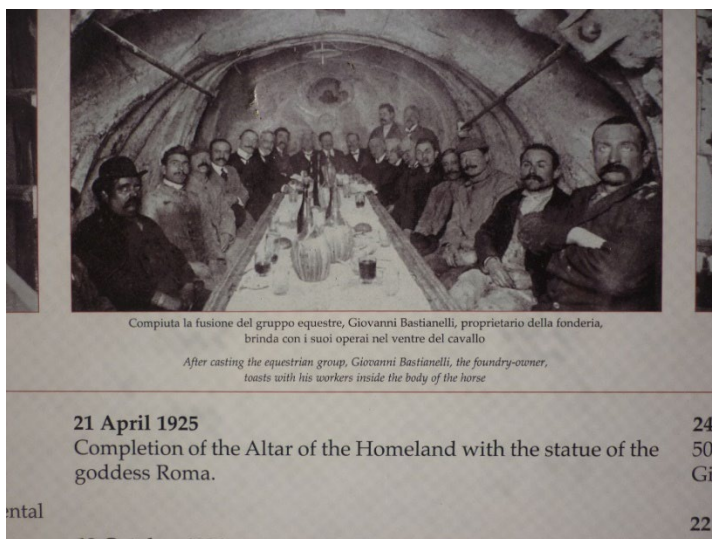
Muito obrigado

Altar da Pátria- Vitorio Emanuel II

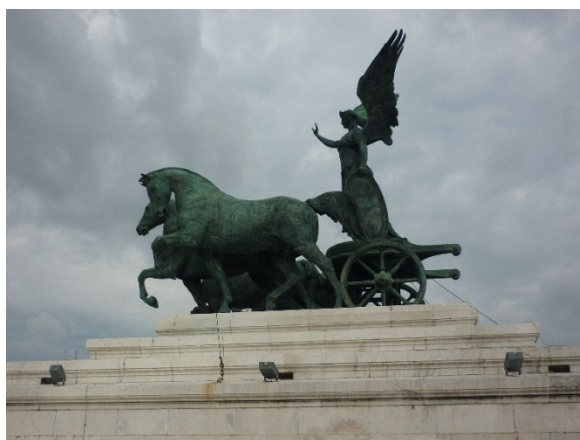
Indo à Roma, a visita a este monumento é visita obrigatória. Fica bem próximo ao Coliseu. A construção é toda em mármore branco. Lindas escadarias, só que tem que ter folego para subir até o alto, de onde se vislumbra o Coliseu. Olhando fotos nas paredes, encontrei uma, em que a princípio não entendi. São de 20 pessoas que estão no interior de um dos dois monumentos que estão no topo construção. e que representam estátuas da deusa Vitoria em quadrigas.



Altar da Pátria- Vitorio Emanuel II--Roma



Jantar com 20 pessoas no interior de uma das quadrigas



Quadriga em cujo interior foi feito o jantar

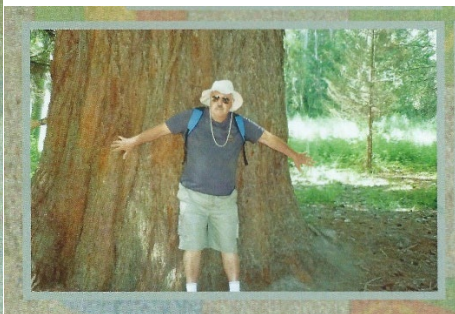
Argentina. Ilha com sequoias

Em visita a Isla Vitória, perto de Bariloche, numa excursão de barco, a guia turística, perguntada sobre como perto da praia existiam duas grandes sequoias, ela contou que originalmente a ilha teria sido dada a um político, que introduziu inúmeras árvores de outros países, assim como animais da Europa e América do Norte. Com o tempo os animais desapareceram, mas as árvores permaneceram, e algumas estão “matando” as árvores nativas. Suas sementes se disseminam pelo vento e como ali os ventos atingem de 100 a 200 km/ hora, estão invadindo áreas de matas nativas, de crescimento mais lento e dominando a região.



Pier da Isla Vitoria

Pela espessura das sequoias, elas devem ter no mínimo 100 anos pois crescem sem problema de neve.



Lisete, Roque e as sequoias

Marco e as latinhas



Marco desde o início de sua vida sempre mamou leite em pó da Nestlé, denominado NAM 1. Por curiosidade comecei a juntar as latas e a foto tem aproximadamente 100 latas, fora as que não foram guardadas.

Praça em Veneza e as cadeiras



Quem não gosta de ficar ao lado da sua amada na praça de São Marcos em Veneza, ao som de uma boa música, uma cerveja e sem nada para fazer, a não ser desfrutar este momento de imensa felicidade?

Difícil é arrumar uma mesa, cadeiras, num local permanentemente repleto de turistas.

Numa mesa ao lado da nossa, vagou uma e imediatamente, surgindo do nada, dois casais se adonaram da mesa e conseguiram juntar 7 cadeiras, para toda a família. Que felicidade. De repente um garçom, chega e quer cobrar pela mesa e as cadeiras. É o seu serviço. Cobra o valor da mesa e o valor de cada cadeira.

Não me lembro o exato valor total, mas dava entre 80 e 90 euros. Tudo isto? Se mandaram.

Triste fim da ponte construída pelo avo João Tomasini

Foi montada em 1934, segundo as memórias de Luiz Tomasini, e destruída pela enchente de 2024. Durou 90 anos.

Ficava na Comunidade de São Roque, município de Encantado.

Com a construção de estrada asfaltada e com ponte de concreto, a velha ponte foi abandonada



Ponte já abandonada



Ponte do avo João, ao fundo, e a de concreto da estrada que vai a Encantado

Lizete visitando a ponte, aproximadamente em 2014

Visitando a ponte, constatei o abandono e escrevi para a Prefeitura de Encantado, sugerindo que o mato fosse retirado. Para surpresa geral a prefeitura a reinaugurou com uma festa.

Histórica ponte, o rio te levou, mas antes tivestes uma despedida de gala



Reinauguração da ponte com grande festa, talvez em 2019

Pois eu sou



Havia comprado um terreno e nele tinha um lindo ipê roxo. Gostava de ir lá olha-lo, lindamente florido. Fui lá e já a distância vi dois homens cortando um galho.

Fiquei perto olhando e um deles puxou com uma corda um galho, com uns 10 cm de espessura, que veio abaixo. Me aproximei e perguntei, o senhor é o dono do terreno? Resposta, não.

Daí eu disse, pois eu sou. Tive coragem, pois não havia ninguém por perto e um deles estava com um facão.

Pediram desculpas e disseram que iam embora e que não levariam o galho cortado, de cuja casca tirariam um remédio, da casca, contra o câncer. Disse-lhes, por favor levem. Estão vendo aquela mancha amarela no tronco do ipê. É a mancha do veneno que passei no tronco, portanto fazer chá destes galhos pode matar alguém.

E eles iriam adivinhar que era uma mancha natural?

Foram embora e não levaram nada.

As perdizes

O pai contava que ao longo da estrada, de Passo Fundo para Carazinho era comum encontrar perdizes e que ele com uma garrucha de dois canos, da janela do carro sempre matava algumas e o almoço já estava providenciado. Duvido que fosse ele quem depenava as perdizes?

Sobrava para a mãe.

Como era um bom caçador e tinha um bom cachorro, certa ocasião (não sei o ano) fez uma bela caçada de perdigão, ave hoje praticamente extinta. O cachorro, chamado de perdigueiro, extremamente dócil era o Tupi. Sempre quis ter um cachorro assim. Nunca tive.



Mercado Witmarsum- PR, meu infarto

COOPERATIVA MISTA AGROPECUARIA WITMARSUM LTDA		
R0D BR277 KM54 COL. WITMARSUM - PALMEIRA - PR		
CEP:80130-000 FONE:(042)254-1147 FAX:254-1142		
COC: 79.571.659/0001-58 IE: 131.00171-12		
INSCRIÇÃO MUNICIPAL:37013926		
24/10/03v11:01:19 GNF:022254 COO:188099		
CUPOM FISCAL		
ITEM	CODIGO	DESCRICAO
001	7897764800075	Caixa Termica Isoterm 8Ltrs.
	1x6,71	T18,00Z 5,71g
002	0000000000621	Salsichao Copacol (frimesa)
	0,783x3,00	T07,00Z 2,35g
003	0000000000578	Queijo Tipo Camembert
	0,22x24,01	T18,00Z 5,28g
004	0000000000578	Queijo Tipo Camembert
	0,208x24,01	T18,00Z 4,99g
005	0000000000648	Queijo tipo Alpino
	0,404x25,88	T00,00Z 10,46g
006	7891515870638	Pate Peito Peru Def.PFEB03 60
	1x1,37	T18,00Z 1,37g
007	0000000000567	Chourico Acougue Witmarsum
	1,032x5,94	T07,00Z 6,13g
008	7898341430234	Suco Mais Sort.Lata 335ml
	1x1,55	T18,00Z 1,55g
009	7896220200077	Mostarda Escura/Amarela Prima
	1x0,81	T18,00Z 0,81g
TOTAL R\$		38,65
Dinheiro		38,63
VALOR RECEBIDO R\$		38,63
TROCO R\$		-0,02
BEMATECH MP-20 FI II ECF-IF VER03.00		
LJ:0001 ECF:0003 FAB:4708990403490		

Só salame, e produtos de suíno



Produtos típicos de Natal

Lizete tinha um congresso de batata semente no Paraná.

Voltando passamos na cidade de Palmeira que tinha um mercado, com produtos de colonizadores russos e alemães, produzidos no local. Eu comprei produtos de origem animal, alguns diferentes e a Lizete produtos à base de farinhas, como bolachas e produtos com escritos em alemão, alusivos ao Natal.

Guardei na geladeira as minhas preciosidades e antes de aproveitá-las, enfartei em 2002.

Vivian, a filha da Lizete, para eu não comer o restante, pegou tudo o que ainda tinha na geladeira e deu para o Brutus e a Cacau. Se deliciaram e não enfartaram.



Não sei.



Não sei o que? Por onde começar. Não faz o meu gênero, escrever romance. Mas assunto não deve faltar.

Porque, quem não é romântico ou já foi? Na juventude, onde o mundo está explodindo. Na idade madura, a paixão dá vez para a razão. Na denominada terceira idade, onde só viver por viver, tira o ânimo de continuar vivendo. Onde, por separação ou por viuvez, ele ou ela sentem a necessidade de uma nova companhia. Não por sexo, mas por ter com quem se comunicar, lembrando cada um o seu passado, romântico ou não, e, por que não, maravilha, criando um novo romance.

Nesta vida, uma verdade é incontestável. Ninguém vai ficar para semente.

Cada um viveu sua vida, conforme o livro em que ela está escrita ou vai sendo escrita. Nem sempre ela tem um rumo definido. O direcionamento do mundo, interfere no direcionamento da nossa vida.

Quem não se lembra de uns namoricos no colégio? Aqueles primeiros apertos no coração pelo ou pela colega? Aquela maior ou menor atração infantil pelo sexo oposto? O que era isto? Certamente era o nascimento

de um romantismo primário. Crescemos e este romantismo, pode ficar escondido na nossa alma. Até o dia em que, com mais idade ele se manifesta. Como se procurando sua alma gêmea.

A grande maioria, encontra uma alma que pode ser não tão gêmea, mas é na qual se aposta que irá durar para sempre.

Mas, nem sempre dura, por variados motivos. Por morte do amor inicial, pelo fim do romantismo inicial ou por morte de uma das partes.

E daí, estou sozinho ou sozinha? O que fazer da vida? Viver na casa dos filhos?

Continuar vivendo, tentando não esquecer o passado, feliz ou não tão feliz? Buscando uma nova situação de vida com uma companheira ou companheiro? Se você tiver 50 anos, ainda há esperança de que isto aconteça. Ainda há muita vida pela frente.

E se você tiver 75 anos? Fica difícil encontrar uma nova companhia, pela idade, pela situação financeira ou pela situação de saúde.

Há milhares de histórias sobre pessoas que, a morte levou seu companheiro ou companheira, não por acidente, mas por doenças.

O câncer, sob as suas mais diferentes formas, é uma das causas mais comuns. Pode ser em 30 dias após o diagnóstico, como pode levar anos, anos com tratamentos específicos. Cada caso depende da condição física da pessoa doente e do apoio que ela possa ter por parte da família. Ninguém gosta de perder um familiar, mas será que esta pessoa deseja continuar vivendo? Sabendo que não tem cura e sabendo que está “sacrificando” toda a família?

Conheci esposa de pessoa que ficou anos em estado vegetativo, após um problema genético. Ele, inconsciente total e a família atendendo-o.

O corpo humano é semelhante a uma máquina, mas que eventualmente alguma parte falha. O nosso DNA, que deveria ser perfeito, nem sempre se mantém assim e por algum motivo é alterado. As consequências dependem de onde foi alterado e podem ser irreversíveis.

Algumas alterações já se manifestam no nascimento da criança e outras ao longo da vida da pessoa. Dificilmente são reversíveis.

A pessoa continua “viva” por muitos anos, mas é como se não estivesse. Conheci uma pessoa com este problema e sua vida ficou marcada pela perda do seu companheiro.

Eu diria que ela, uma pessoa magnífica, culta, inteligente em todos os sentidos, parece que se fechou num mundo particular.

Tento ser agradável, puxo conversa de tudo quanto é jeito e quando pergunto alguma coisa, a resposta que sempre obtenho é “não sei”.

Ela sabe sim a resposta, mas se fecha no seu mundo e não se permite um relacionamento que abra sua alma para quem lhe quer namorar, ser feliz e colaborar para sua felicidade. Só me diz, eu sou sua “amiga”.

Até quando vou ouvir a resposta: “não sei”? De tanto ouvir esta resposta, busquei a inspiração para o título deste artigo de amor e de vida.

A compra e venda de abacate na casa da vó Izolina



Este monólogo eu assisti: eu e a vó estávamos sentados na área da frente, assistindo ao “movimento” da rua que passa em frente da igreja. Lá pelas tantas um guri, chega ao portão e pergunta:

1- Vó tem abacate? Observação: há 10 m tinha um enorme pé de abacate, bem, carregado, lindos.

2-Vó responde: tem

3-Pergunta o piá: a senhora vende?

4-Sim

5-Tem maduro?

6-Tem

7-Quanto? Era como se fosse 10 centavos, preço ultra simbólico

8-Quero dois

9- Vó levanta e busca os dois abacates maduros, leva-os para o piá, recebe o dinheiro e volta a sentar

10- Obrigado vó. Até logo.

11- Até logo.

10-Segue a vida agitada de vendedora de abacate....

Tempo total da operação de venda: 10 minutos

ATÉ NA HORA DA MORTE FEZ QUESTÃO DE NÃO INCOMODAR NINGUÉM.



Vó Isolina, lembro-me que, se não me engano, o único remédio que tomava era um simples Melhoral. Para reforçar colava nas têmporas uma rodela de batata de cada lado. E deu.

Não sei por que, a vó foi a Passo Fundo e foi internada no Hospital Municipal. Não sei quem estava junto, nem me lembro a causa da internação. Como na época não tinha elevador, tinha que subir para os quartos via escadaria. A vó colocou o pé no primeiro degrau e um atendente perguntou se ela não queria subir numa maca. Resposta:

“NÃO SE PREOCUPE MEU FILHO, SUBO COM AS MINHAS PERNAS. E SUBIU.”

ATÉ NA HORA DA MORTE FEZ QUESTÃO DE NÃO INCOMODAR NINGUÉM.

FALECEU A NOITE.

Balde d'água para apagar fogo em fios de energia elétrica



Certa ocasião, a tarde, o pai estava viajando e os fios de alta tensão, em frente à casa, na casa localizada na Rua Voluntários da Pátria, entraram em curto circuito, com estouros e grandes clarões. A mãe pegou uma mala colocou algumas roupas e desceu, apavorada, as escadas pensando num provável incêndio.

Enquanto isto, um empregado que o pai trouxe de Carazinho, com um balde, jogava água para cima para “apagar” o fogo.... Ainda bem que nunca chegou a alcançar os fios.

Recordo-me que brincava bastante nos finais de semana entre as pilhas de tábuas.

Em 1950 a área foi vendida para os Moinhos Rio-grandenses e hoje tem lá uma maltaria.

Minha primeira escola



Minhas primeiras aulas foram no Grupo Escolar Voluntários da Pátria (hoje demolido). Era um lindo prédio de alvenaria, estilo clássico. Semanalmente levava cebola, cenoura, batata, para a sopa escolar.

Não sei por que o pai me transferiu para o Ginásio Nossa Senhora dos Navegantes (existe até hoje, 2022), onde cursei o curso primário.

O ensino era puxado e na sala, de um lado ficavam as meninas e do outro lado os meninos. Quando a professora queria castigar algum aluno, fazia-o sentar-se ao lado de uma menina. Era vergonhoso ser misturado com as meninas....

Após a aula eu almoçava no colégio e me recordo de algumas sopas, nas quais vinha um” lindo “pé de galinha. Inteirinho. Bem branquinho...

Pequeno descanso e voltávamos para a sala, até as 15,00 h para fazer os temas. Não me lembro bem, mas o pai vinha me buscar de carro e, as vezes eu pegava o bonde para ir para casa, sozinho. Lembro, com certeza, que várias vezes ia sozinho, de bonde ou de ônibus, para o colégio pela manhã.



O BONDE

O restaurante João e o carro do seu Luiz

Quase ao lado da casa, na rua Arabutan, quarto distrito, Porto Alegre, havia o Restaurante João, famoso na época, aproximadamente em 1953, que, comentava-se, fornecia comida para voos da VARIG. Acontece que, quase sempre estacionavam na frente da entrada da garagem e a gente tinha que ir ao restaurante e procurar pelo dono do carro para retirá-lo.

Certa noite, o pai tentou entrar com seu Chevrolet Power Clide 1951, carrão para a época. Quase entrando, raspou a lateral traseira do lado do motorista. Seu Luiz se irritou e terminou de entrar, logicamente terminando de riscar a lateral. E aí, alinhou o carro, engrenou uma ré e bateu fortemente na lateral do carro mal estacionado. Colocou o carro na garagem e foi dormir. Eu, apavorado, fiquei olhando pela fresta da janela. Não vi sair o carro. Só sei que, ou não viram a batida ou não entenderam o que aconteceu. Efeito da cerveja????



Se Luiz tinha carros seminovos importados

Sergio, mãe e eu

As viagens com o DC-3

No final do ano eu viajava com a mãe para Passo Fundo, no avião DC-3, via VARIG, Cruzeiro do Sul ou SAVAG. Era comum o avião não conseguir pousar, na área em que hoje é o aeroclube de Passo Fundo e ter que seguir até Erechim. No dia seguinte, de manhã cedo, decolava para Passo Fundo. Outras vezes não conseguia pousar nem em Erechim e voltávamos para Porto Alegre, onde, no Restaurante do Aeroporto Internacional de Porto Alegre, comíamos um belo filé com fritas por conta da companhia de aviação. Outras vezes o avião pousava em Erechim, descíamos e íamos de taxi, por conta da Companhia, até Passo Fundo. Lembro-me que na saída de Erechim tinha uma subida que, em dia de chuva, um poderoso Chevrolet Tigre 6 cilindros apanhavam para vencer o barro. Eu adorava ver o carro patinar.



Os DC-3 eram lindos, voavam devagar, a baixa altitude. Via-se até as vacas pastando.

A gente ganhava, devido à altitude, para combater a dor de ouvido, buchas de algodão para tapar os ouvidos e também goma de mascar.

As gurias da VARIG

Na época, 1957, um piá com 13 anos, naturalmente, não prestava muita atenção nas aeromoças. Mais tarde encontrei estas fotos de algumas delas. Uma era de aviões sem hélices....





Saudoso DC3

A geladeira



A primeira geladeira no distrito de Pulador-Passo Fundo, talvez em 1960, tinha uma no Hotel, um luxo para a época. Era a querosene (ainda hoje, 2017, fabricam geladeiras deste tipo, para regiões sem energia elétrica). O hoteleiro da época era relaxado, mas, “caprichoso”, limpava as unhas do pé com um canivete. Lá pelas tantas, com o calorão de fevereiro, chega um piá e pergunta: tem picolé? Tem. Quero um.

O cidadão traz uma forma de gelo colorido, cheia de “picolé”, e com o mesmo canivete tira um bloco de gelo e o piá satisfeito com a guloseima (recheada com a limpeza da unha).

Saiu feliz da vida.

Wilson Annes, meu professor de cortar lenha



Wilson Annes, Luiz Fernando, Sérgio e Ana no sitio do padrinho, a Belina 1974 vinda de Brasília e o padrinho Heitor cortando lenha.

O Wilson (primo em segundo grau) morava em Pulador, onde nos finais de semana num galpão de chão batido, ele, tio Bijuca (capitão Osvaldo Di Primio) e outros se reuniam para jogar carta, fumar e alguns copinhos da “branquinha”. Era o programa da época aos domingos

O ganha pão do Wilson era cortar lenha de eucalipto num mato cerca de 5 km dos trilhos do trem. Era uma grande fonte de emprego local. Machado afiado, dois cortes e, conforme o diâmetro da vara de eucalipto, estava cortado o pedaço de um metro. Foi ele que me ensinou a cortar lenha com o machado, coisa que gosto até hoje. Depois da lenha cortada, esta era colocada na carroça

Dois metros cúbicos era uma bela carga para os valentes bois, Colorado e Gaúcho. Acho que levava mais de meia hora para percorrer os 5 km. Na estação de Pulador tinha um desvio onde centenas de metros cúbicos de

lenha, rigorosamente empilhados, aguardavam serem carregados nos vagões da Viação Férrea para abastecer as Maria Fumaça em vários locais do estado.



Maria Fumaça



junta de bois. Gaúcho e Colorado

Caçada de passarinhos



Rabo de palha

Na época todo “pia” andava com um bodoque para tentar acertar os pobres passarinhos. Meus preferidos eram os “sanhaços, azulões ou papa figos”. Não gostava deles, pois, comiam as frutas, especialmente figos.

Lembro-me que a munição era, na época, pequenas laranjas. As pedras desviavam muito. Para contornar o problema balístico, depois que a vó retirava o pão do forno a lenha, eu fazia bolotas de barro e as deixava para secar no forno. Excelente munição.

Certa vez, juntei todos os tocos de barbante que consegui e andava com o rolo no bolso. Um “rabo de palha” passou voando e eu, num tiro (bodocaço) digno de Olimpíadas, botei o bixo abaixo. Só ficou tonto. Ideia genial: deixei o coitado recuperar as forças e soltei. Detalhe: primeiro amarrei o barbante no pé e quando ele saía voando, já distante uns 15 m, eu puxava o barbante e o pobre coitado voltava para minhas mãos. Fiz isto por umas 2-3 vezes. Depois soltei o pássaro.

Coisa de piá.

A mandioca frita e feijão na velha panela e boa banha de porco



Vó Isolina e tia Hilda



No velho fogão a lenha eram feitas maravilhosas mandiocas fritas, na velha e boa banha de porco. Sempre tinha um sendo criado num chiqueiro nos fundos do pátio (alimentado até com a lavagem das panelas e dos pratos). Na natureza nada se perde, tudo se transforma. Depois virava salame, banha, linguiça, morcela, ...

Feijão de vó, não tem igual. Panela de ferro (que ainda tenho), um lento cozimento no fogão a lenha e alguns temperos de vó. Comia de prato fundo.

Algumas vezes eu ia à lavoura, arrancava algum pé de mandioca, descascava e levava para a vó fritar. Replantava o pé arrancado. Manjar dos deuses. Lógico: numa linda banha de porco, criado no fundo do quintal. Tudo bem ecológico.

Também me lembro de uns pés de tomates guachos que tinha ao lado da cozinha. Tomate era coisa rara. Comia semi-verdes. Delícia. Até hoje adoro tomate. Pena que não tem mais o sabor original.

As plantas e orquídeas eram plantadas em antigas baterias de carro, marca Mercury, Chevrolet, Ford,.. Esta está na casa da Ana.



O Correio do Povo



Um trem que saia de Porto Alegre e ia até Passo fundo, era denominado de trem passageiro. No mesmo trem vinha o jornal Correio do Povo, sempre com no mínimo de um dia de atraso, o que já era muita coisa. Impresso em Porto Alegre, enviado via trem até Santa Maria e de lá para Passo Fundo.

O pai José, meu avô era o único que assinava o jornal no povoado de Pulador. Eu lia, avidamente, todo o jornal. Onde o pai José foi alfabetizado? Quem sabia já morreu. Mistério: porque morando em Pulador foi assinar o Correio do Povo? Pena que na época não tinha cabeça para perguntar estas coisas para meu avô.

Pão, nata e sal grosso



A vó Izolina fazia no forno a lenha um pão sem igual. Algumas vezes eu e o irmão Sérgio pegávamos umas fatias deste pão e cobríamos com, no mínimo, um centímetro de nata originária do leite que o tio Heitor trazia. Em cima desta nata colocávamos bastante sal grosso, o mesmo que era dado para o gado. Uma delícia, só que, não transcorria meia hora e salvem-se quem puder. Era só pum e mais pum. Na volta para Passo Fundo, os vidros da camionete Belina tinham que vir abertos, senão era morte certa por asfixia....

Mas era uma delícia.

A chaleira e o “nego” Antônio

A história da chaleira, até onde sei é a seguinte: ficava o ano inteiro pendurada por um ferro do teto do galpão em cima de um fogo de “tição” (troncos de madeira sempre acesos). Fazia tanto tempo que estava lá que as telhas, pelo lado de dentro eram puro alcatrão devido a fumaça. Era utilizada pelo “nego” Antônio, um preto muito velho que morava no galpão. Lembro-me que o conheci quando tinha uns 15 anos. Não sei de onde veio. Morava ali, num pequeno quarto, e dormia num “catre” (leito tosco e pobre) com colchão de palha. Creio que a chaleira deve ter perto de 100 anos.

Não me lembro quando e onde o “nego” Antônio foi enterrado. Certamente o padrinho Heitor deve tê-lo sepultado no cemitério de Pulador. Procurei e não encontrei, Ele fez parte das figuras da minha infância e até hoje compartimos, simbolicamente, a mesma chaleira.



Briga na festa



O irmão Sérgio, muito provavelmente pela diferença de cinco anos de idade, não ia nas férias para Pulador e ficava em Porto Alegre.

Em Pulador, como em todos os povoados, uma vez ao ano tinha a festa da Padroeira da igreja. Numa destas festas, a tia Hilda trabalhava no caixa da festa, recolhendo as taxas de churrasco, venda de tortas, bebidas...

Nas imediações de Pulador residia uma família, cujos homens tinham fama de valentes e sempre andavam com facas na cintura e eram tidos como brigões. No meio da festa estourou uma briga, com estes personagens e vários outros, onde as facas brilhavam ameaçadoras. No meio da confusão a tia, muito viva, pegou a gaveta com o dinheiro da festa e se mandou para a casa da vó que era perto. Se quiserem brigar, briguem, mas o dinheiro da festa está salvo....

As moedas e o canarinho belga



Acho que foi logo que fomos morar no Ed. Satélite. Inventei de comprar um canarinho belga, de um criador perto de casa.

O pai, na época, estava vivendo do capital acumulado em outras épocas. O dinheiro era controlado. Juntei todas as moedas que tinha e as que a mãe me deu e fui comprar o canarinho. Faltou dinheiro. Eu olhava o passarinho e o dono dizia: falta dinheiro. A esposa dele dizia: vende para a criança e ele: não, falta dinheiro. Os dois discutiram e ao final, levei o canarinho, mesmo faltando algumas moedas, graças à intervenção da senhora.

Este fato me marcou muito. No meu subconsciente ficou registrada a dor de querer algo e não poder ter. De valorizar o pouco que se tem.

Ginásio São Pedro e o Julinho

Tivemos que mudar de endereço em Porto Alegre. Com a mudança passei a estudar no Colégio Marista São Pedro, lá concluindo o curso ginásial. Excelente colégio, importante na minha formação. Detalhe: num determinado ano me juntei com os vagabundos da sala e fui reprovado de ano por causa do Latim....

Para concluir os estudos, optei pelo curso chamando científico, fiz vestibular para entrar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o amado Julinho.

Lá se estudava, se aprendia muito e, obviamente, se brincava muito.



Um professor usava um aparelho contra a surdez, com volume idêntico a uma carteira de cigarros, colocado no bolso da camisa. A turma combinou que, iniciada a chamada, o aluno levantaria o braço e faria de conta (sem emitir nenhum som) de tinha respondido a chamada. Depois de algumas “respostas” não ouvidas o pobre professor deu umas batidas no aparelho e continuou a chamada. Mesmo procedimento dos alunos, novas batidas no aparelho. Enquanto isso os alunos faziam de conta que estavam conversando em voz alta e gesticulavam. O coitado

do professor entrou em pânico pensando que tinha ficado definitivamente surdo e saiu para o corredor desesperado.

Chegando à secretaria viu que o aparelho estava normal.

Resultado: uma semana de suspensão para toda a turma.

Foguete de bambu



No Colégio Estadual Júlio de Castilhos, tinha um Clube de Ciências Carlos Chagas. Lá montávamos laboratórios químicos, criávamos cobras e aranhas caranguejeiras. Dissecávamos animais vivos sem anestesia ou anestesiados com clorofórmio. Também aprendemos a fazer pólvora, segundo várias formas, incluindo o uso de açúcar.

Nas aulas de biologia, levávamos uma cobra numa caixa e no meio da aula, a soltávamos. A professora, simplesmente dizia, coloquem a cobra de volta na caixa. No intervalo da aula, alguém distraía um colega e colocava a cobra dentro da camisa do colega que ficava apavorado e a gozação era geral. Tudo em nome da ciência.

Alguém teve a brilhante ideia de fazer algo com uma das fórmulas de pólvora. Mais uma brilhante ideia. Vamos pegar um bambu, tirar o miolo e encher de pólvora. No pátio havia uma boa área sem nada e virou nossa base espacial. Colocávamos um barbante embebido com álcool e a distância colocávamos fogo. Na maior parte das vezes nosso foguete explodia.

Quando decolava, sem rumo determinado, o sucesso se tornava um pavor, pois poderia cair sobre alguma casa e incendiá-la.

As galinhas dissecadas, ou eram levados para a casa de algum colega ou jogadas nos terrenos baldios. Tudo em nome da ciência.

Irresponsabilidade pura



Edifício Satélite

Em Porto Alegre morávamos no Edifício Satélite, num prédio de dez andares. O prédio está localizado na Avenida Farrapos, esquina Av. São Pedro.

E aonde se brincava? No terraço do prédio estavam localizados tanques e áreas para lavar e secar a roupa para cada apartamento. Como o prédio é grande, sobrava espaço para jogar bola. Inúmeras vezes a bola passou da mureta de segurança, no décimo andar, com aproximadamente um metro de altura

Um dia alguém inventou de subir na mureta, com uns 30-35 cm de largura e nela caminhar. Como o primeiro aventureiro não caiu, a brincadeira passou a ser todos correrem ao mesmo tempo em cima da mureta. São mais de 20 metros de mureta. Queda de quase 40 metros.....

Ninguém caiu. Não me lembro de termos repetido a loucura.

Dona Lahir e seu Luiz (leiam esta história aí no céu), está eu não lhes contei. Se tivesse contado o acerto de contas seria com a senhora e certamente com o pai...Escapei de, no mínimo uma reprimenda verbal e de algum castigo.

Aulas em Ilópolis



Antiga casa em Ilópolis

Acho que foi em 1965. Recém havia entrado na Faculdade de Agronomia da UFRGS, quando fui à Ilópolis dar umas aulas preparatórias para o vestibular que os primos João Denardi e o Décio Bozzetto iriam fazer para a Agronomia.

As aulas eram no colégio público que fica no alto de um morro. Como eu tinha concluído o Curso Científico no Julinho (saudades), em Porto Alegre e tinha passado em 5º lugar no vestibular, encarei esta missão. Foi a melhor turma de alunos que tive em 40 anos de ensino superior. Apesar dos meus esforços a turma não me convidou para Paraninfo e sequer para professor homenageado. Acho que os dois heroicos alunos não chegaram a um consenso....

Ilópolis-antiga tubulação de água da represa para o “castelo” e turbinas.



O cano era de madeira encaixada, fixado por arcos de ferro-1965

Tinha aproximadamente uns 400 a 500 metros.

Amigos na Faculdade

Na Faculdade a turma era boa, mas eu, o Luiz Carlos Robaina Etcheverria e o Alcides Faria Brizola, éramos amigos de fé.



Um mate na fazenda da Faculdade em Guaíba, na sombra de um Umbu

Em 1997, grande evento para a época, fizemos a 1ª Feira Nacional de Técnicas Agrícolas-FENAGRO na FAMV-10/1997, a qual presidi.

Formatura da turma de engenheiros agrônomos de 1968.





Formando e seus pais

Qual o pai e a mãe não têm orgulho de ver seu filho formado no ensino superior? Imagina em 1968.

Creio que fui o primeiro neto do avo João Tomasini a concluir um curso de ensino superior.

Construção da casa

Já em 1972, juntamente com o colega Egidio Lessinger, compramos terrenos no lago Norte, no meu caso QI 8/5, lote 13 e ele ao lado.

Comprado o terreno, contratamos o arquiteto Shian Sunder Janveja, indiano que tirou o mestrado em arquitetura com Oscar Niemayer. Olha só a categoria do arquiteto.

Para baratear os custos da obra eu e o Egídio nos cadastramos junto ao INPS como construtores-construção civil particular.

Prorrogado por tempo indeterminado, conforme ODS-SAF 269/97

INSTITUTO NACIONAL DE PREVIDENCIA SOCIAL
SEGURO DE ACIDENTES DO TRABALHO

CERTIFICADO DE TAXA DE CONTRIBUIÇÃO

cód:121011 · CTCS N.º 23-002.14.680/72
23-001.04.375/64

Atividade: CONSTRUÇÃO CIVIL PARTICULAR^{Mat. R.º}
Razão Social: ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI
Endereço: QI/8/5-lote 13- SHI/NORTE
Locais de Risco: D. FEDERAL

Fica a empresa acima, na forma do estabelecido no artigo 48 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 61.784, de 28 de novembro de 1967, Cientificada de que, com base nos elementos constantes do levantamento efetuado em 30 de junho de 1972, foi fixada a taxa de contribuição para o Seguro de Acidentes do Trabalho abaixo indicada, a ser aplicada sobre o total dos salários de contribuição de seus empregados para efeito de recolhimento mensal durante o período de: 1 / 7 / 72 a / / .

Taxa de Contribuição Fixada: 3,0% (TRÊS E CINCO CEN-
TESIMOS POR CENTO)

Condições especiais para o período:

Brasília, 30 de junho de 1972,
Localidade, data e assinatura — cargo ou função

EM CASO DE ACIDENTE

Locais de atendimento — médico:

1.º — PÓTO DE ACIDENTES DO TRABALHO
Rua Arco do Sul (ex-IAPC) Fone: 4. 000- 42-09-89
2.º — HOSPITAIS NACIONAIS ou APGT
3.º — HOSPITAIS DA F.H.D.F. • H.J.K.O. (ex-IAPC)
4.º — DE IMEDIATA HOSPITALIZAÇÃO LIGAR 190
5.º — RECORRIDOS AOS REFERIDOS HOSPITAIS.

• Mencione este número na Guia de Recolhimento

As casas eram em terrenos vizinhos e fizemos uma planta comum para as duas casas. As formas de uma casa eram reaproveitadas para a outra casa. O acabamento e o telhado é que as diferenciariam no final a obra.



Lateral da casa



Fundos da casa, o Corcel 71 e o banheiro de tábuas para banho de mangueira.02/1973



Casa em 1975, já pronta- a parte social ficava nos fundos

Ceguei em Brasília em 09/1971, morei de aluguel, comprei terreno e em 1973 a casa já estava quase pronta. Rápido.

Nasci de novo ou deixei de morrer, tanto faz



Em 1973 viajava semanalmente para o Rio de Janeiro, para trabalhar junto ao Ministério da Fazenda, sobre política de carne bovina. Acreditem se quiser: eu e um colega, por dois anos fizemos uma tabela com preços de vários cortes de carne, que valiam para todo o Brasil. Hoje, seria um absurdo, mas na época era assim.

Na madrugada do dia 04/10/1974, o Boeing 737-200 da VASP (PP-SMF) tocou fortemente no cerrado, 2 km antes da cabeceira da pista. Todo que estava solto voou, inclusive pessoas. Máscaras de oxigênio caíram. Pessoas apavoradas. Consegui arremeter e a menos de 200 metros havia um barranco. Escapamos de virar mingau. O avião, depois deu voltas e voltas para ver o que tinha acontecido com o trem de pouso. Resolveu pousar e os bombeiros estavam ao longo da pista. O avião ficou meses parado para revisão. Nasci de novo.

Várias vezes voei num avião turbo hélice da VASP, chamado Samurai. Um deles caiu no Rio de Janeiro. Eram seis.... Dois caíram. Devo ter voado no que caiu.



Samurai

A casa da praia

Não lembro em que ano, deve ter sido em 1987, quando comprei do pai e do Sérgio, a casa da praia na Noiva do Mar. Av. das Dálías,145.

Asa madeira das janelas e das portas da frente eram com madeira de Manaus. Até hoje estão boas;



Posteriormente, construí em cima da parte dos fundos que o Sérgio havia feito



Eu, Celso e ajudante

Esta casa foi construída em pleno vigor do confisco do Plano Collor. Todo o dinheiro tinha sido confiscado. Para começar a obra juntei tudo o que podia ser útil em Passo Fundo (prego velho, tábuas, fios, uma banheira de ferro que estava no pátio....). Em 2 de junho sai com o pessoal para começar a obra.

Já na praia, como não me entregavam o material que já havia pago em fevereiro, juntei dezenas de tijolos jogados na areia da praia, tábuas velhas, escoras de eucalipto, escadas... (na época era comum jogar estas coisas nos terrenos vazios).

Aproveitando a laje de concreto que o Sérgio já havia feito (garagem e dois quartos), fiz novas colunas, paredes laterais com tijolos ajuntados na areia e quando já estava pensando, no desespero, em vir embora, chegaram os 5.000 tijolos que já havia comprado em fevereiro, antes do Plano Collor. Todo o restante, janelas, madeiras, areia, brita, tinha que brigar com os fornecedores, para os quais já havia pago o material ainda em fevereiro. Pela manhã o pessoal ia para a obra, eu fazia o café, em seguida começava a preparar o

almoço, ia dar uma de peão na obra, servia o almoço, lavava a louça. Mais uma de peão (desentortar pregos, jogar tijolos para cima, mexer massa). Servir a janta, lavar a louça e cama.

Mês de agosto: fim do dinheiro e vamos embora. Os vidros ficam para outra hora, assim como a pintura.

Detalhe: fiquei lá um mês direto. Depois tive que voltar para o trabalho em Passo Fundo.

Na sexta-feira saía de P. Fundo as 18,00 h na camionete (D-20, cabine dupla, turbinada,) e chegava à praia as 22,30 h. Naquela época não tinha tanto movimento a noite e muito menos, pardal....Média de 100 km/h. Domingo as 18,00h, retornava a P. Fundo.

Foi um sufoco: falta de dinheiro, tempo. Mas, vivi, veni, vencit.

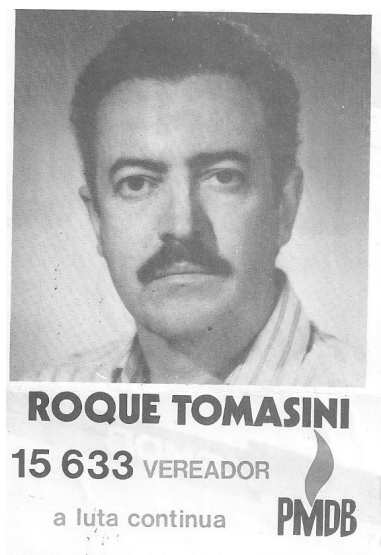


A turminha na casa

O político Roque Tomasini

Não me lembro em que ano, mas creio que foi lá por 1990, fui candidato a vereador, claro que sem nenhuma chance. Foi uma bela experiência. Foi para ajudar o candidato a prefeito Ivaldino Tasca.

O politico



Arte do marqueteiro chefe – Sérgio Tomasini



A frota da campanha, em destaque a Jurássica C-10 cabine dupla

O tropeiro Torquatto Lancelotte e sua bombacha





Em Pulador morava um antigo tropeiro, Torquatto Lancelote, que era uma figura ímpar. Sempre de enormes bombachas, bota com cano sanfonado, camisa branca de manga comprida, chapéu de quatro cantos, lenço vermelho e uma enorme guaiaca com coldre para um enorme revólver.

Detalhe: só tinha quatro dedos de nascença. Quando conheci já havia parado de tropear mulas de Pulador até São Paulo, parece que para Sorocaba. Segundo ele, era um mês de viagem com 300-400 mulas. Não sei quem ia com ele. Mulas entregues, dinheiro na guaiaca, voltava de trem com os arreios e a roupa de viagem. Não esquecendo, um enorme revólver 38.

“Segundo Leopoldo Costa, em sua História do tropeirismo, durante os meses de setembro e outubro as tropas saíam de Passo Fundo e seguiam a jornada passando por Lages, Mafra, Rio Negro, Lapa, São José dos Pinhais e Curitiba. Em Curitiba os animais e os tropeiros permaneciam até abril e maio esperando a Feira de Sorocaba. Saindo em direção à Sorocaba as tropas passavam por Palmeira, Ponta Grossa, Itararé, Itapeva, Buri Itapetininga, Alambari, Araçoiaba da Serra e finalmente chegava ao destino. Em Sorocaba os animais eram amansados e engordados. “

Já na vida de aposentado, todo o mês vinha a Passo Fundo buscar sua aposentadoria, numa agência bancária, na Moron, perto de onde hoje é o banco ITAU. Suas roupas, mesmo para Passo Fundo, chamavam a atenção e as pessoas paravam para admirar sua figura.

Figura de um autêntico gaúcho que a história levou.

Nasce um escritor

Eu e a Lizete fomos passear na cidade de Frutillar, Chile. Esta cidade de origem alemã, era famosa por seus doces, especialmente tortas e cervejas artesanais. Outra grande atração era um festival anual de orquestras europeias.

Caminhando pela cidade, entramos na biblioteca pública e encontramos um livro de um escritor, cujos contos estavam escritos em três línguas. Compramos o livro e lendo-o me entusiasmei para fazer algo igual. Abandonei esta intenção inicial, mas me decidi a escrever livros.

Dá para dizer, que se hoje escrevo, foi graças a Lizete.





Uma pianista, Lizete Augustin, dando um espetáculo em Frutillar, Chile.2012

Eu escalei a Torre Eiffel



Vindos de um Congresso na Espanha, a programação de domingo estava em aberto e nosso grupo de pesquisadores resolveu visitar a Torre Eiffel. Na segunda feira a programação era de visita uma cooperativa e entrevista com o dirigente da mesma.

Decisão unânime: vamos visita-la.

Fomos a uma bilheteria e todos compraram o ingresso. Dia lindo. Todos entusiasmados com a possibilidade de visitar esta maravilha.

Não sei quem comprou primeiro a entrada e os demais compraram entradas iguais. Todos com a entrada na mão, nos dirigimos para o elevador. Felizes como um bando de crianças.

Educadamente entramos numa fila e ao mostrarmos nossos bilhetes, o guarda nos disse que não poderíamos usar o elevador. Nos disse que nossos bilhetes era para subir pela escadaria.

Surpresos e para não perder o valor, que não era pouco, decidimos encarar o desafio. Olhamos para cima e para as dezenas de degraus, e nos lançamos ao desafio, de subir e ir apreciando a vista.

Depois de subir mais de 100 degraus, já com as pernas cansadas e o pulmão protestando pela subida, olhamos para baixo e dissemos, nada de desistir. Em frente. Só faltam mais uns 200.

Enfim, cansados e vitoriosos, chegamos e ficamos apreciando Paris.

Valeu a pena? Sim. Poucos Passofundense já fizeram esta façanha, Cerca de 40 anos já passaram e as lembranças continuam vivas. Hoje, não sei se subiríamos os primeiros 50 degraus. Faltaria o ardor da juventude.

A benção vô



Já houve um tempo em que a atenção aos mais idosos era norma geral.

Não que esta não exista mais em termos gerais. Os “velhos” vivem separados dos filhos, em casa de idosos ou em habitações próprias, a sós ou ainda com algum filho.

No interior, era normal o casal de idosos e mais algum filho, filha, realizarem juntos as refeições. O nono sempre sentava na cabeceira da mesa. As demais pessoas só sentavam após o nono sentar. Filhos ou netos, ao chegar, pediam a “benção” para o nono. Muitas vezes também beijavam a mão. Só depois disso poderiam sentar e se servir, mas só depois do nono ser servido pela sua esposa.

Sem falatórios durante a refeição. Eventualmente era realizada uma oração em agradecimento pela refeição.

Durante minhas férias, na casa dos avós maternos, no distrito de Pulador, este era o procedimento. Todavia, na minha casa em Porto Alegre, não era praticado. Influência da cidade, da educação “moderna”?

Coisas do passado ou parte da hierarquia familiar?

Educação e brizoletas



O conhecimento humano é dinâmico. Sempre foi e sempre será. Uns morrem e outros nascem.

Porque? Porque as crianças satisfazem sua curiosidade perguntando como e para quem? Para seus pais, parentes mais idosos, amigos, professores?

Porque com o tempo esta curiosidade vai diminuindo de um modo geral e crescendo em outras? Falta de estímulo? Falta de estimuladores?

A ciência não tem limites de conhecimento.

Principalmente na ciência do saber. Cada um tem suas preferencias para conhecer o mundo e seus segredos.

E onde nasce a curiosidade pelo desconhecido? No passado, foi sendo aluno dos grandes pensadores.

Nos dias atuais, sem dúvida é na escola.

Vamos voltar um pouco no passado.

No Rio Grande do Sul ocorreu a construção das “denominadas brizoletas”. Estas são testemunhas da universalização da educação

primária no Rio Grande do Sul. As escolas, construídas em madeira, podiam ter apenas uma ou várias salas de aula. O nome popular está relacionado ex-governador gaúcho Leonel Brizola.

Segundo Brizola, entre 1959 e 1962, foram construídas 5.902 escolas primárias, 278 escolas rurais e urbanas e 131 ginásios, colégios e escolas, totalizando 6.302 novas instituições. Multiplicou as salas de aula, criando uma rede de ensino primário e médio que atingiu os municípios mais distantes, inclusive nas zonas do pampa, de baixa densidade populacional.



Abriu 688.209 novas matrículas e admitiu 42.153 novos professores.

Foi uma autentica revolução educacional.

Bem este foi o passado.

O sistema educacional continuou evoluindo pelas formações de novos professores, melhores instrumentos de educação, onde verdadeiros pacotes de conhecimento estão à disposição dos professores e alunos. Esta evolução foi excelente, mas será que está sendo suficiente para o mundo que nos espera e a concorrência com a educação de outros estados e de outros países?

Não, absolutamente não.

A vida, o conhecimento, é como uma imensa escadaria, em que não conseguimos ver onde termina. Sabemos que a partir de uma altura, poderemos enxergar mais longe.

A grande maioria só tem chance de subir a até uma altura. Muitos destes poderiam subir mais alto, mas as escolas primarias, com pequenas mudanças lhes oferecem um somatório de conhecimentos com poucas variações.

Cada vez com mais frequência, há uma crescente mudança nas variadas áreas do conhecimento, como comunicação, de medicamentos, de locomoção.

Enfim, saltos tecnológicos nas mais variadas áreas do nosso dia a dia.

Pergunta: será que nessa imensa dimensão de revoluções tecnológicas, algumas não poderiam contribuir para um salto na educação?

Educação, educação e mais educação é o caminho a seguir. Mas que tipo de educação?

Por que não formar turmas de “pensadores”? Só de alunos, não.

De professores e alunos. A educação básica seria a atual, mas parte importante do tempo na escola seria dedicada a fugir do formalismo. Pensar em qualquer coisa, mas pensar e discutir no grupo a viabilidade das ideias.

Não se busca ideias milagrosas, mas sim ideias que despertem ideias. Podem não servir para uso imediato, mas acostumaram os alunos a pensar na vida adulta.

Difícil? Sim, mas acostumar a pensar em situações diferentes é como uma receita de pão, só com o trigo a massa não cresce, o “fermento” é

que a faz crescer. Os frutos dos pensadores, não vão revolucionar o ensino, mas darão a estes alunos condições para subir mais alto na escadaria da vida.

Seriam parte dos futuros líderes, que o país necessita.

Estas crônicas não seguem uma ordem cronológica.

Também não seguem uma ordem por assunto. Foram sendo introduzidas à medida em que as buscas por artigos já escritos, em qualquer data, pudessem ser incluídas neste trabalho.

E, importante, grande parte foram escritas a partir de fatos guardados na memória do autor.

Escreve-las em ordem cronológica tornaria o trabalho, cansativo. Na forma em que está, o leitor pode ser surpreendido sempre com um artigo diferente.



ISBN 978-650143787-3

